lara siqueira **damasceno**
orientado por **pedro britto**

ressonâncias urbanas

abril

2024

trabalho de conclusão de **curso**

efervescência cultural no **centro histórico** de **joão pessoa**

universidade **federal** da **paraíba**

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D155r Damasceno, Lara Siqueira.
Ressonâncias urbanas. Efervescência cultural no Centro Histórico de João Pessoa / Lara Siqueira Damasceno. - João Pessoa, 2024.
104 f. : il.

Orientação: Pedro Britto.
TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Cartografia sensível. 2. Cena cultural. 3. Direito à cidade. 4. Dinâmica urbana. I. Britto, Pedro. II. Título.

UFPB/CT/BSCT CDU 72:711(043.2)

Elaborado por ONEIDA DIAS DE PONTES - CRB-15/198

parte I **inícios e caminhos**

parte II **reconhecer-se** nos territórios

parte III **encontros, acasos** e atravessamentos

resumo

Este trabalho explora a intrincada relação entre a efervescente cena cultural e o tecido urbano no centro histórico de João Pessoa, adotando uma abordagem cartográfica sensível e singular. A pesquisa se propõe a capturar sutilezas da experiência humana dentro desses espaços culturais vibrantes. Utilizando revisões literárias, observações diretas, entrevistas e registros fotográficos como ferramentas, a equipe tece uma narrativa cartográfica multifacetada, revelando diversas camadas de percepção, riqueza cultural e dinâmica urbana do centro histórico. A abordagem busca extrapolar o mapeamento, refletindo a percepção coletiva daqueles que contribuem para a sinfonia cultural da cidade. A narrativa cartográfica não se limita a registros visuais de locais físicos, mas emerge como uma representação viva e pulsante das complexidades e vitalidade do centro histórico de João Pessoa.

agradecimentos

Esta tecitura não é só minha e jamais teria sido concebida sem a colaboração de tantas pessoas. As pessoas que encontrei e desencontrei ao longo do caminho fizeram e fazem parte da (re)construção de quem sou hoje e me ajudaram no processo de me reconhecer na Cidade Parahyba. A essas pessoas, deixo meus agradecimentos.

A painho e mainha, por serem inspiração diariamente, por me guiarem na construção do meu caráter, por serem exemplo e puxão de orelha nos meus estudos e por me motivarem a chegar até aqui e o mais alto que eu conseguir voar! Amo vocês imensamente.

A Arthur, meu irmão urso, meu porto seguro, eu não seria metade do que sou hoje se não fosse por você. Obrigade por sempre cuidar de mim e me aceitar por completo. Eu i love you.

A minha honey baby, Natália, que não me deixou desistir e me fez aceitar, relutantemente, que tenho sim uma veia artística. Obrigade pelo companheirismo diário, pelo alívio cômico nos picos de estresse, pelo afeto e por dividir o mesmo neurônio comigo. Você é meu xuxu, te ama.

A meu psicoterapeuta, Anderson, por todo o caos que continuamente me ajuda a navegar.

A minhas amigas-irmãs Varna, Bia, Carla, Samira e Najinha, que me acompanham a tantos anos e se tornaram parte intrínseca de mim.

A meus arquifriends, que dividiram os pesos e sorrisos ao longo de todos esses anos na UFPB, foi um imenso prazer tê-los ao lado nessa longa etapa de nossas vidas. Em especial Sophia, Marília, João Luiz e Gaby, amizades valiosas que a graduação me deu.

A toda a equipe da Casa Nordeste e LM+P, sou eternamente grate e feliz por ter participado desse projeto que veio a ser a parte mais prazerosa e enriquecedora da minha jornada pessoal na graduação. Guardo cada um de vocês com muito carinho no meu coração.

Ao professor Carlos Nome, que me ensinou tanto e acreditou no meu potencial quando eu mesme não acreditei. E ao professor Geovany Jessé (in memoriam), que, com toda sua bagagem e partilha em sala de aula, me mostrou o quão fantástico pode ser mergulhar na área de urbanismo.

A João Lucas e Gilmar, que mergulharam na minha loucura e conseguiram traduzir, com maestria, minhas palavras e ideias em artes belíssimas. Muitíssimo obrigade por engrandecerem este trabalho com a sensibilidade de vocês.

A minhas amizades de João Pessoa, que contribuíram para que essa cidade virasse um novo lar: Arthur, Marlia, Flora, Loha, Breno, André, Carol Elias, Bruno, Abner, Milena, Teo, Luca, Analu, Carol, Rafa, Hugo, Julieta, Tutu, Letícia, Zeca e Bianca.

A minhas famílias materna e paterna, espalhadas pelo Ceará e até no Canadá, obrigade pelo amor de sempre!

À família de Nata, agora minha família também, obrigade pelo carinho e acolhimento.

A Elionai, Parajeau, Yorran, Seu Carlos, Zé Balbino, Breno, Garças do Sanhauá, Vitória e todas as pessoas que, direta ou indiretamente, colaboraram com esta cartografia, sou profundamente grate a cada um de vocês! Pela fala, pela escuta, pelo acolhimento e pela arte de cada um.

Ao professor Pedro Britto, que segurou minha mão desde o início e atravessou todas as turbulências comigo. Gracias por expandir o meu olhar e me mostrar um mundo de sutilezas.

Ao Centro, por me abraçar e me contar tantas histórias.

prólogo

Mais de cinco anos se passaram até chegar o momento que encerraria um capítulo importante. Em meio a tantas ansiedades e conjecturas sobre como seria o que estava por vir, resolveu fazer algo que representasse um pouco de si mesmo, algo no qual pudesse enxergar-se ali. Segurou na mão do desconhecido e se jogou de cabeça, com medos e travas, mas se jogou. A imprevisibilidade transformou a jornada em um percurso muito mais longo e cheio de obstáculos do que o esperado, mas os levou aonde deveriam estar. O capítulo termina onde começou.

Ao Joinha, meu grande e eterno amor.

Eu sou do baqueado
Do pandeiro bem levado
Do batuque e do repente
Do gingado e do suingue diferente.
Do sambafunksoul do rock e do balão
Do Jackson hip-hop do Luiz o Gonzagão
Na rufada do maracatu
No xote e xaxado
No pique reboldo regulado
Na ginga improvisada
No fervor da embolada
Na levada no breque
Na banana e no chiclete
Eu sou do som do meu nordeste
Sou também cabra da peste
Paraibano e não me engano
E quando eu pego pra cantar
Até o fim eu vou rimar

Cabruêra, **Parapoderembolar**

introdução

A relação entre a música e o espaço urbano tem sido objeto de estudo, destacando-se como uma expressão intrínseca da cultura e da identidade de uma comunidade. Nesse contexto, o centro histórico de João Pessoa, com sua rica herança cultural, emerge como um ambiente propício para a investigação das interações entre a cena musical, a dinâmica urbana e o direito à cidade. Este trabalho busca explorar essa complexa teia de relações, adotando a abordagem da cartografia sensível como instrumento para revelar nuances muitas vezes imperceptíveis.

Na busca por desvendar a intrincada relação entre a efervescente cena musical e o tecido urbano no centro de João Pessoa, a pesquisa embarca em uma jornada que transcende a cartografia convencional. A exploração adentra as percepções sutis e as experiências das pessoas que dão vida a este epicentro cultural.

A noção tradicional de cartografia frequentemente evoca imagens de mapas e coordenadas, mas a abordagem vai além dessas representações estáticas. A equipe abraça a cartografia como uma ferramenta dinâmica que não apenas mapeia espaços físicos, mas almeja desvelar, ainda que intricadamente, algo da experiência humana dentro desses espaços urbanos.

A investigação na interseção da cena musical e espaço urbano baseia-se em uma abordagem cartográfica multifacetada como uma tapeçaria tecida a partir das histórias das pessoas, emoções e conexões com o centro histórico de João Pessoa.

Revisões literárias, observações diretas, entrevistas com participantes e mapeamentos fotográficos tornam-se os fios, cada trama revelando camadas de percepção, riqueza cultural e o pulsar do centro. Através dessa lente cartográfica expandida, busca-se destacar facetas diversas e muitas vezes imperceptíveis de como a cena musical se entrelaça ou não com o próprio tecido da vida urbana.

A narrativa cartográfica construída não se resume aos locais físicos; é um reflexo da consciência coletiva daqueles que contribuem para a sinfonia cultural de João Pessoa. Revela elementos intangíveis, o riso ecoando pelas ruas de paralelepípedos, as histórias sussurradas

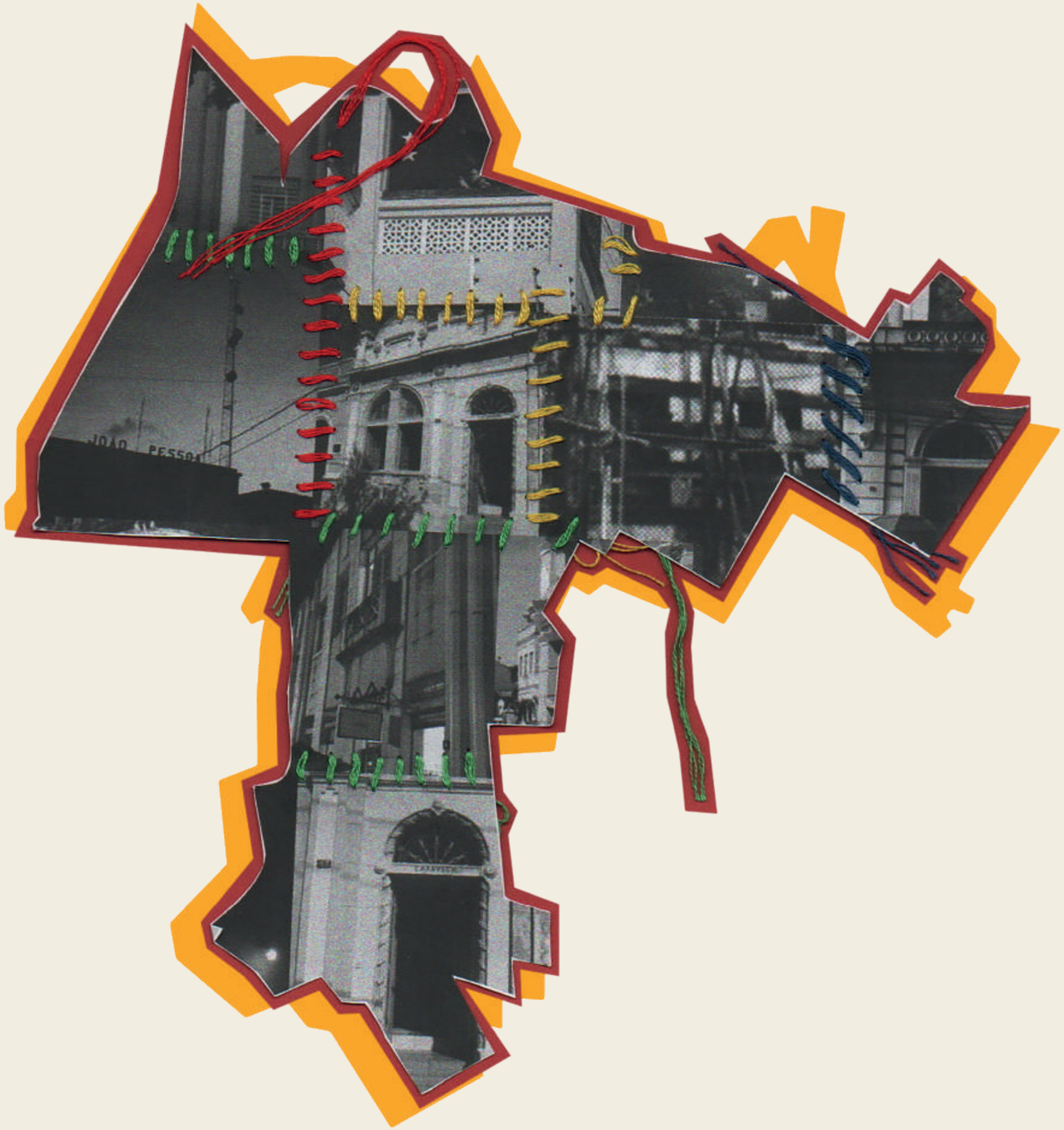
nas sombras dos prédios históricos e os ritmos que reverberam pelos espaços comuns.

O presente estudo surge da inquietação diante da seguinte problemática: Como a cartografia pode desvelar as interações nos espaços culturais do centro de João Pessoa? Adicionalmente, busca-se compreender como as práticas de eventos culturais impactam a percepção e utilização desses espaços, contribuindo para a construção de narrativas urbanas singulares.

O centro é como aquela pessoa conhecida, que trocamos simpatias, saudações educadas e nunca damos a oportunidade de se mostrar verdadeiramente, porque logo de cara julgamos como "sem sal". Quando finalmente nos abrimos e permitimos acolher, descobrimos uma personalidade surpreendente. Faz sentido?

Durante quase quatro anos o centro foi, para mim, um local de passagem e de coleta de dados para os trabalhos acadêmicos. Não passava da superfície. No meu caso específico, foi através da música e de novos laços que os horizontes da cidade antiga se abriram para mim. Esse foi a porta de entrada. Os relatos me trouxeram conhecimentos sobre o centro que mapa ou diagnóstico algum seriam capazes, muito menos produções teóricas realizadas a partir de um pesquisador estrangeiro ao território.

costura de **memórias**



Os **fragmentos** costurados formam a poligonal do **Centro Histórico** de João Pessoa tombado pelo IPHAEP.

Fonte: João Lucas (Tigelinha Estúdio)

inícios e caminhos

Tá valendo
Nome de planta, nome de besouro,
nome de palhaço e de bailarina
Nome de bicho, nome de poeta, de cachoeira
ou de ave de rapina
João, pessoa que eu não conheci e nem faço questão
Is dead, morreu
Já foi
Intitulado
Imortalizado não

Chico Limeira, *Imprópria*

Fonte: João Luiz Carolino

entrelaços e ruas

No labirinto das ruas do centro de João Pessoa, encontro-me perdido entre pensamentos e palavras, tentando decifrar a cartografia que se desdobra diante de mim. Sou iniciante na arte de cartografar, muitas vezes me vejo debatendo entre seguir um plano definido ou fluir com o momento, entre o traçado preestabelecido e a liberdade de explorar novos caminhos. É como se estivesse imerso em um eterno embate entre a necessidade de documentar cada detalhe em meu diário de campo e o desejo de me entregar plenamente ao ambiente que me cerca.

A expressão "fuga ao diagnóstico" me faz refletir sobre como as análises estatísticas podem não capturar toda a complexidade de um lugar, como o centro de João Pessoa. Os diagnósticos podem ser limitados, deixando de lado aspectos importantes da vida local.

Minha jornada cartográfica vem sendo uma aventura repleta de desafios e descobertas, na qual me vejo confrontado com a necessidade de equilibrar planejamento e imersão no momento presente. Essa dualidade, embora desafiadora, revelou-se essencial para o desenvolvimento da minha prática e estudos. Ao longo desse percurso, deparei-me com figuras marcantes que ampliaram minha compreensão do ambiente no qual imergia. Sua influência ecoa profundamente em minha própria experiência no centro de João Pessoa, um local vibrante e carregado de história que tem sido palco de minhas explorações.

Enquanto tento navegar pelas ruas e vielas desse espaço singular, percebo que a verdadeira essência do centro não está contida apenas nas palavras escritas. A riqueza desse meio revela-se por meio das fotografias que capturam estruturas antigas, das melodias entoadas pelos artistas de rua e das conversas cotidianas entre os habitantes locais. Esses elementos constituem um mosaico vivo de experiências que me desafia a transcender as fronteiras convencionais da cartografia.

Para ilustrar a afirmação de Fontenelle (2021) de que outras formas de comunicação devem ser investigadas para uma história mais democrática, esta abundância de experiências e formas de comunicar nos proporciona excelentes oportunidades. A oralidade e as imagens são

a pedra angular na captura do significado e valor da história e cultura local. Além disso, ilustra como a oralidade e as imagens podem enriquecer nossa compreensão da cultura e história de um lugar, contribuindo para uma visão mais inclusiva e completa do patrimônio cultural de nossas cidades.

Por outro lado, Jacques (2012) destaca a importância da experiência, da alteridade e das narrativas errantes como formas de resistência à homogeneização e esterilização dos espaços urbanos contemporâneos. Ela argumenta que a dualidade entre planejamento e espontaneidade se reflete nas discussões sobre a expropriação da experiência humana na contemporaneidade. Segundo suas análises, a pacificação dos espaços urbanos visa esterilizar a esfera pública, impedindo a vivência autêntica da alteridade. Contudo, assim como os errantes urbanos resistem a essa tendência ao ocupar os espaços de maneira dissensual, reconheço em mim a busca por um equilíbrio entre a rigidez do método e a fluidez da experiência.

Dessa forma, ao me perder nas ruas do centro, não apenas estou desenhando mapas mentais, mas também absorvendo as nuances da vida urbana, incorporando narrativas errantes que desafiam a padronização e a homogeneização dos espaços. Costa (2014) aborda a prática da cartografia na pesquisa, ressaltando sua natureza dinâmica e sensível aos encontros e movimentos do mundo. De certo ângulo, esse método sugere a experiência do pesquisador no campo pesquisado não como mero observador, mas como participante ativo. E, nesse sentido, a cartografia não se esgota na criação de mapas geoespaciais, mas se estende a outros domínios subjetivos, emocionais e estéticos.

Ao relacionar isso com minha experiência no centro histórico de João Pessoa, percebo como minha abordagem para entender e mapear esse espaço vai além da simples observação. Como mencionei anteriormente, me vejo imerso em um eterno embate entre seguir um plano definido ou fluir com o momento. Essa dinâmica reflete a própria natureza da cartografia, onde o pesquisador se encontra em constante diálogo com o ambiente e suas nuances.

A sensibilidade do pesquisador é crucial nesse processo, pois é através dela que se pode capturar as múltiplas camadas de significado presentes no espaço estudado. Assim como destacado por Costa (2014), a cartografia na pesquisa requer uma postura implicada, onde o pesquisador se mistura com o objeto de estudo, manipulando-o e sendo por ele manipulado.

No centro, essa implicação se manifesta em minha in-

teração com os moradores, comerciantes e frequentadores do local. Cada encontro, cada conversa, cada sabedoria viva ajuda a construir não apenas um mapa físico, mas também um mapa emocional e social. Em consonância com o pensamento de Costa (2014) da cartografia na pesquisa como dinâmica e implicada, esta abordagem ecoa minha própria experiência no centro de João Pessoa. Esses métodos de estudo que percebem os lugares da maneira mais bela não se limitam apenas à coleta de dados; eles são complementados pelos sentimentos do observador e pelos eventos que ocorrem durante o processo. A sensibilidade do pesquisador é um elemento indispensável, que permite captar sutilezas e complexidades que uma forma superficial desconsideraria.

Outra habilidade igualmente importante é a arte de contar histórias, de transportar pessoas para lugares diferentes e deixá-las experimentar várias coisas. Fontenelle (2021) nos esclarece como precisamos explorar a comunicação não verbal como parte integrante da comunidade acadêmica. Consequentemente, quando me proponho a dar um relato verbal das emoções vividas neste centro histórico, não posso deixar de admitir que muitas imagens, histórias orais e impressões vívidas estão entrelaçadas na trama deste cenário movimentado.

Uma das principais formas de comunicação é a oralidade e as imagens, que desempenham um papel muito importante na abertura da história e nos permitem ter um conhecimento abrangente do lugar. Porém, olhando para outros tipos de meios até então não estudados, como as imagens e a fala oral, podemos ampliar nossa compreensão e desenvolver a imagem visual dos locais onde nos hospedamos. Por exemplo, no caso do centro, as fotografias podem capturar detalhes visuais que as palavras podem não ser capazes de transmitir. Através de fotografias que documentam fachadas históricas, ruas de paralelepípedos ou eventos culturais ocorridos nestes locais, é possível obter alguns elementos essenciais da sua atmosfera e identidade.

Como vimos, as narrativas orais também são importantes pela sua riqueza de conhecimento e memória. Ao prestarmos atenção aos testemunhos de habitantes locais, comerciantes, bem como de turistas ocasionais ao centro histórico, podemos revelar histórias que não foram documentadas de forma escrita.

Estas histórias refletem a vida cotidiana, emoções partilhadas e pontos de vista pessoais que ajudam a compreender a região de uma forma holística. Além disso, as experiências sensoriais atuam como um aspecto essencial do nosso vínculo com o ambiente natu-

ral. Os cheiros únicos dos alimentos vendidos nos mercados ao ar livre, a música ao vivo nas praças das cidades e até mesmo a sensação das paredes dão-nos uma compreensão muito mais profunda da história que vai além das meras palavras. Desta forma, reconhecemos a necessidade de diversas formas de comunicação e desenvolvemos novas possibilidades de representação e interpretação de lugares e acontecimentos mais democráticos, possibilitando leituras da história menos hierárquicas que levem em conta diferentes formas de conhecer além da escrita como uma forma privilegiada de conhecimento.

A jornada na cartografia é repleta de desafios e descobertas, como uma trama intricada que se desenrola a cada passo. Encontro-me em diálogo com as teorias e metodologias que fundamentam minha prática, mas também abro espaço para a sensibilidade, para a conexão emocional com o lugar e suas histórias. Essa conexão emocional ressoa em minhas lembranças, lembrando-me da importância das narrativas pessoais na construção da história e da identidade de um lugar.

Assim, entre reflexões teóricas e experiências pessoais, entre mapas e narrativas, entre planejamento e improvisação, sigo minha jornada cartografando o centro de João Pessoa, em busca de uma compreensão mais profunda e significativa desse espaço tão singular. Que esta cartografia sensível possa tocar a alma de quem a devorar, assim como fui tocado pelas histórias que permeiam as ruas e becos desse lugar encantador.

Fonte: Raphael Abreu

entrelaços e ruas

Fonte: Lara Siqueira e Gilmar Filho

entre a memória e a contemporaneidade

Ao questionar sobre os locais a serem visitados na cidade, o centro histórico frequentemente é mencionado como um dos principais cenários a serem explorados. Ao se despedir do ponto de chegada e movimentar-se pela cidade, seja a pé ou de carro, é comum encontrar setas nas grandes vias, indicando o caminho para o "coração da cidade".

Contudo, não é incomum que esse cenário não faça parte da história de vida dos próprios moradores. Muitos aspectos do centro histórico são desconhecidos ou ignorados por uma parte dos habitantes da cidade, mesmo para aqueles que transitam por essas áreas. O desvanecer ao longo dos anos tornou esses locais anônimos, cenários urbanos desconhecidos à medida que a cidade se expandiu e modernizou. A maioria das vezes, esses locais foram gradualmente abandonados e esquecidos, resultando em uma cegueira parcial diante da realidade circundante (Sant'ana, 2003). O centro histórico, por um lado, é admirado valorizado e visitado, mas, por outro lado, é abandonado e estigmatizado.

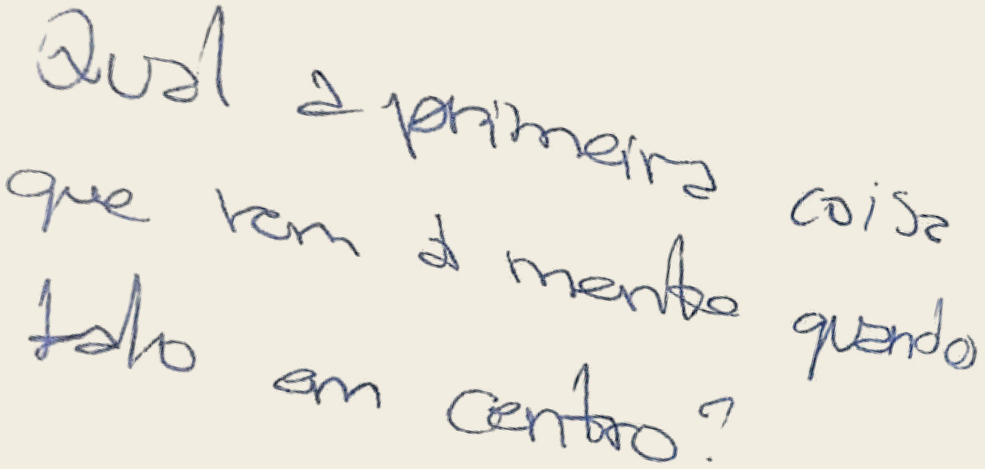
As transformações no espaço urbano, ao longo da história e ainda hoje, têm implicações em várias esferas da vida social e urbana da cidade, afetando o cotidiano do centro histórico. Este espaço é um repositório das ações acumuladas ao longo do processo de produção e reprodução do espaço no capitalismo. Abriga formas e referências do passado, as permanências e os resíduos de uma vida social e urbana que ali ocorria e continua a ocorrer, dando significado à vida cotidiana no local. Sua paisagem reflete como esse espaço foi estruturado e transformado ao longo do tempo.

A efemeridade das formas urbanas, produzidas espacial e historicamente, devido à metamorfose imposta pelo capitalismo, faz da cidade uma constante recriação o que é evidente ao caminhar pelo centro histórico de João Pessoa, onde elementos do presente e do passado recente ou remoto coexistem (Carlos, 2004).

Um observador que percorre o centro histórico pode testemunhar cenas que revelam suas singularidades. É rico observar grupos ou indivíduos entrando e saindo de edificações históricas, ouvindo as informações fornecidas nas exposições e simultaneamente tirando fotogra

fias. A preocupação em registrar visualmente o ambiente e a presença no lugar muitas vezes parece superar a importância da história local. Há uma notável alternância entre concentração, encantamento, diversão e curiosidade nessa quase teatral composição de ruas, bares, arquitetura, sons e cores, representando a expressão da cultura artística e uma representação simbólica do passado.

Diante desse cenário, é compreensível que surjam reflexões sobre os meandros desse processo. Embora a complexidade da temática torne desafiador apresentar uma resposta abrangente, a reflexão sobre o significado desse lugar para as pessoas e suas funções atuais nos núcleos urbanos antigos se mostra crucial. A pergunta inicial sobre o que é um centro histórico incita a investigação, cujos desdobramentos serão explorados ao longo do trabalho.



Fonte: Breno Crispim

o centro no imaginário pessoal

A percepção do espaço permite, através das subjetividades do olhar fenomenológico do espaço, decodificar os elementos que compõem os imaginários e construir a imagem e a valorização do lugar.

Joalex Vialli, *O imaginário da cidade: percepção espacial dos estudantes da Universidade Federal de Viçosa e da população de Viçosa*, 2006.

“A primeira coisa que eu penso são nos edifícios, porque no geral são edifícios muito bonitos, esteticamente falando. E aí eu fico especulando a história por trás desses edifícios, né? Quem construiu, quem era o dono, quem morou nesse local ou quem trabalhou nesse local? Que vivências algumas pessoas tiveram nesse local que marcaram a vida delas, que fazem parte da memória dessas pessoas? E eu também penso muito no potencial que geralmente esses edifícios têm de utilização, né? Porque no geral, esses edifícios são subutilizados. Então fico especulando o potencial que esses edifícios podem ter e como poderia contribuir para que esses edifícios voltassem assim a ter um uso Integral e fazer parte de novas memórias, novas vivências para as pessoas das gerações mais atuais.”

a primeira imagem do centro fio **breno crispim**

o centro de cada um

Costumo compartilhar com amigos próximos os pensamentos que borbulham em mim após cada experiência no centro. Sinto uma necessidade de falar e de ouvir para gerar frutos e para tentar dar algum sentido à mente do cartógrafo (eu). Perguntei a algumas pessoas: “qual a primeira coisa que vem na sua cabeça quando falamos em centro?”

No decorrer da resposta de um amigo (laço fruto da graduação), percebi a profundidade de suas perspectivas sobre o tema, as quais emergiram de sua vivência em João Pessoa, cidade na qual sempre residiu. Sua experiência pessoal e familiar ao longo de quase três décadas influenciou significativamente sua percepção e entendimento do centro urbano.

Inicialmente, ao discorrer sobre o centro, ele destacou sua associação primordial com uma dimensão funcional. Nessa perspectiva, o centro é percebido como o coração econômico da cidade, onde as atividades laborais de seus pais e, por extensão, de muitos outros residentes se desdobram. Essa visão funcional do centro remete à sua característica de ser o epicentro das transações comerciais, das interações sociais e da resolução de questões práticas ligadas à vida cotidiana dos habitantes.

No entanto, à medida que o tempo avançava e esse amigo amadurecia, suas interações com o centro foram se diversificando, revelando camadas adicionais de significado. Gradualmente, ele passou a reconhecer o centro não apenas como um polo econômico, mas também como um espaço carregado de história e cultura. Essa ampliação de perspectiva ocorreu à medida que ele explorava os diferentes aspectos do centro, como seus monumentos históricos e eventos culturais.

Além disso, destacou a importância do centro como um ponto de encontro e convivência para os moradores da cidade. Ele ressaltou que, além das atividades comerciais e culturais, o centro também desempenha um papel crucial como um espaço de interação social, onde pessoas de diversas origens se encontram, trocam experiências e constroem vínculos comunitários.

A evolução da percepção dele em relação ao centro foi marcada por um processo gradual de transformação, no qual o significado do centro extrapolou os limites da

funcionalidade cotidiana para se tornar um espaço de múltiplas possibilidades. Inicialmente percebido como um local meramente utilitário, o centro passou a ser compreendido por ele como um ambiente propício para experiências sociais e culturais enriquecedoras. Esse novo olhar foi potencializado pela participação em eventos festivos como o Bloco Cafuçu e a Festa das Neves, os quais proporcionaram a ele a oportunidade de vivenciar o centro como um espaço de lazer e interação.

Assim, a visão dele sobre o centro evoluiu ao longo do tempo, passando de uma percepção inicialmente funcional para uma compreensão mais ampla, que engloba aspectos econômicos, históricos, culturais e sociais. Sua trajetória pessoal ilustra como as experiências individuais podem moldar e enriquecer a compreensão de um espaço tão central na vida urbana. Esse processo de transformação não apenas reflete o amadurecimento pessoal dele, mas também evidencia a capacidade do centro de se adaptar e se reinventar como um espaço dinâmico e significativo na experiência humana.

À medida que esse jovem crescia pessoalmente, sua percepção do centro também se aprofundava, levando-o a uma compreensão mais abrangente da arquitetura e da história da cidade. Esse processo coincidiu com sua trajetória acadêmica, durante a qual ele se envolveu cada vez mais com o tema do centro histórico, culminando em sua dedicação ao assunto durante sua graduação e elaboração de seu trabalho de conclusão de curso. Nesse contexto, o centro deixou de ser apenas um espaço físico para se tornar um lugar de reflexão, alimentando sua paixão por entender as dinâmicas sociais e culturais que o permeiam.

No período pós-pandemia, ele revisita suas experiências e observa o ressurgimento do centro como um espaço de transformação social. Inspirado pelo conceito de heterotopia, ele enxerga no centro não apenas a materialização de estruturas físicas, mas também a manifestação de novas possibilidades e relações sociais. Sua visão é fundamentada em suas vivências e estudos, os quais o levam a acreditar que o centro pode ser um catalisador para a construção de novas narrativas coletivas e para a promoção de mudanças significativas na sociedade.

Meu amigo reconhece o centro, atualmente, não apenas como um espaço de atividades comerciais e administrativas, mas também como um ambiente de potencial dinâmico e inclusivo, capaz de estimular a imaginação e a ação coletiva.

Beco da Cachaçaria Philipéia
Fonte: Flora Valverde

importância do centro no meio cultural

A importância do centro histórico transcende sua mera existência como uma área geográfica marcada pela antiguidade e preservação arquitetônica.

Em primeiro lugar, o centro histórico é uma fonte valiosa de memória coletiva. Suas ruas sinuosas e edificações centenárias contam a história da cidade, revelando as transformações ao longo do tempo. Ao preservar esse patrimônio, cria-se uma conexão tangível com o passado, permitindo que as gerações presentes e futuras compreendam e apreciem as raízes culturais e históricas que moldaram a comunidade (Guerra, 2021).

Além disso, o centro histórico serve como um palco para manifestações culturais diversas. Eventos artísticos, festivais e apresentações muitas vezes encontram nesse cenário um ambiente propício para sua realização. A arquitetura característica, os espaços públicos e a atmosfera única proporcionam um contexto inspirador para expressões culturais, promovendo a diversidade artística e a valorização da produção local (Rocha, 2022). No contexto cultural, o centro histórico não é apenas um museu ao ar livre, mas um espaço vivo que abriga comunidades criativas. Artistas, músicos, escritores e outros agentes culturais frequentemente encontram inspiração nesse ambiente, criando obras que dialogam com a tradição e, ao mesmo tempo, inovam. A interação entre o passado e o presente no centro histórico gera uma dinâmica cultural rica, onde as expressões contemporâneas coexistem com a herança cultural (D'allevedo, 2011).

Ademais, o centro histórico desempenha um papel crucial na promoção do turismo cultural. Visitantes em busca de experiências autênticas são atraídos pela atmosfera única dessas áreas, onde podem explorar a riqueza histórica, apreciar manifestações artísticas e participar de eventos culturais. Esse fluxo turístico não apenas contribui para a economia local, mas também amplifica a divulgação e preservação da cultura da região.

Em síntese, o centro histórico é um elemento vital no tecido cultural de uma cidade. Ao preservar a história, servir como palco para a expressão artística e atrair visitantes interessados na herança cultural, essa área de-

sempenha um papel multifacetado na promoção e enriquecimento da cultura local. Sua importância transcende as fronteiras físicas, influenciando a identidade e o dinamismo cultural de uma comunidade (Nascimento, 2017).

A História, como construção social, fundamenta-se na memória, orientando a compreensão do passado e do comportamento humano. A memória, como combustível da história humana, estimula o envolvimento e a necessidade de compreender as conquistas, o presente e as raízes culturais de um povo.

Essa herança de um povo, expressa no patrimônio, preserva a memória e a cultura, conferindo identidade e alteridade. Ao serem incorporados à memória local, regional e nacional, esses bens constituem parte da herança cultural transmitida de gerações passadas às futuras. Valorizar o patrimônio histórico-cultural é, portanto, valorizar a identidade que molda as pessoas (Guerra, 2021).

A importância do centro histórico no meio cultural se dá em função do conhecimento da história, das tradições, da arte e dos saberes de um povo. Ao conservar e valorizar os elementos culturais, mantemos viva a identidade, realizando um ato de construção e reconstrução da cidadania. Esse espaço desempenha um papel fundamental no âmbito cultural, tornando-se um verdadeiro epicentro de identidade, memória e expressão artística, promovendo uma diversidade cultural.

Fonte: acervo pessoal

"Efeito multiplicador" - Thallisson Holanda

→ Se reconhecer no outro!!

"Se você souber contar a sua história, você pode encantar muita gente" - Sara Holanda

depois da linha do trem

Tem ruelas de paralelepípedos
Tem casarões e casinhas
Tem lama e manguezal
Tem rio e Mãe Maré
Tem Comadre Fulozinha
E Pai do Mangue
Tem dindin e feijoada
E não esqueça da cocada!
Tem pôr-do-sol com os pés na água
Tem raízes
Tem história e muita cultura!
Tem herança
Tem comunidade ribeirinha
E tem turismo, viu?!
Tem vida (e muita!)
Tem luta
Tem resistência
Tem laços e desavenças
Tem sustento e sabedoria
E tem gente mantendo vivas todas as crenças
Desce do Hotel Globo e chega mais perto
Depois da linha do trem tem **Porto do Capim**
Depois da linha do trem é onde começa a Parahyba

Passada a linha do trem
Fonte: acervo pessoal

Vivenciando o Porto do Capim
Fonte: acervo pessoal

diversidade cultural

Quando abordamos a temática da Diversidade Cultural, podemos iniciar explorando o conceito de identidade cultural, conforme delineado pela sociologia e antropologia. Este conceito refere-se à cultura na qual um indivíduo está imerso e à maneira como compartilha essa experiência com outros que também compartilham do mesmo contexto, abrangendo tradições, preferências, crenças e opiniões (Guerra, 2021).

A diversidade cultural, que leva em consideração a interação entre identidades, raças, etnias e idiomas, se manifesta na organização de grupos sociais ao longo da história humana. A união desses grupos é baseada em similaridades culturais, desde os primórdios da humanidade até as atuais configurações sociais. O sentimento de pertencimento, conforme destacado por Daniela Diana, professora da Unesp, emerge das experiências desenvolvidas pelos seres humanos em sua vida social, sendo crucial considerar o local e a história das civilizações para compreender esse conceito (Arendt, 1979).

Ao focarmos na cidade de João Pessoa, observamos uma cena musical cada vez mais diversificada, exemplificando o conceito de diversidade cultural. Essa diversidade se manifesta em dois extremos notáveis: a cultura de massa, substituída posteriormente pelo termo "indústria cultural", que se destaca na mídia e é mais acessível à população, e a cena independente, conhecida como "underground", que realiza produções predominantemente impulsionadas pelo apoio do público consumidor. A indústria cultural desempenha papéis distintos nessas duas esferas, situadas em extremos opostos das discussões culturais.

Na perspectiva da diversidade cultural, evidenciada anteriormente, a cidade de João Pessoa se destaca por proporcionar ambientes que mesclam distintas realidades culturais. Essa fusão resulta em uma troca cultural significativa, promovendo uma aceitação crescente de diferentes estilos e culturas.

Fonte: acervo pessoal

Fonte: Lara Siqueira e Gilmar Filho

o cartógrafo

Ainda no início dos processos de desenvolvimento de um TCC, até então em outra temática, já sabia que meu objetivo principal era compreender a visão e perspectiva das outras pessoas sobre as cenas, eventos e espaços de que fazem parte. Meu foco sempre foi cativar relatos e assimilar essas narrativas das vivências de outrem. Acredito que, mais do que um "objeto de estudo", o que concebe meu trabalho são as histórias dessas pessoas que constroem a cidade. Que ocupam. Que adaptam. Que dão significado aos lugares e espaços.

Foi apenas recentemente, quando precisei mudar o tema da minha pesquisa, que percebi o valor da minha própria voz dentro deste estudo. Não apenas como estudante de arquitetura e urbanismo, nem como pesquisador do tema; mas como alguém que também vivencia o centro histórico de João Pessoa. Passei, então, a me considerar uma das personagens dessa cartografia que aqui intento construir. Como eu atravesso esses eventos? E como eles me atravessam? Seja como cidadão, morador de João Pessoa, frequentador do centro histórico, ou mesmo como estudante de arquitetura, ainda que acredite não ser essa a parte de mim que mais se destaca ou sequer me aflora algo. Suponho, enfim, que é com minha voz e próprios relatos que devo iniciar essas histórias e narrativas.

Meu primeiro contato com os eventos musicais do centro histórico veio com festas no Varadouro. Chegava a João Pessoa pela primeira vez em 2017, sem quaisquer vínculos anteriores com a cidade, para estudar na UFPB. Sou o tipo de pessoa que fica nervosa e ansiosa com novidades e mudanças, especialmente em locais em que não conheça ninguém. Logo, pode-se imaginar que essa chegada me causou grande desassossego.

Honestamente, não saberia dizer se as aulas já haviam começado ou não quando ocorreu a "Calourada" da minha turma, na sede do IAB. Naquele espaço pequeno, pequenininho demais para a quantidade de gente que parecia estar ali presente, descobri os prazeres do centro histórico. Lembro de, ao chegar lá, ficar imediatamente atordoado pela beleza do Largo São Francisco – e aqui me refiro especificamente às edificações históricas. Ser conquistado pela espacialidade, pelas construções

em si – pelo espaço construído –, tão subitamente é algo memorável. Percebi rapidamente, também, que o tipo de rolê que o CH fornece é exatamente aquele que me atrai: há um espaço físico presente, como um estabelecimento, mas ele não é limitante; pode-se circular livremente entre os lugares. Podemos transitar, por exemplo, do IAB ao Vila do Porto, logo ao lado, ou à Antenor Navarro – que na época tinha alguns de seus espaços ocupados. Ter tantas "opções" e movimentações mexeu comigo. Senti de imediato a sensação de pertencimento que aqueles lugares poderiam me trazer e que, de fato, trouxeram.

Foi nessa Calourada que estreitei os laços com Sophia – personagem-chave na minha história em João Pessoa – e, juntos, falamos com muitas pessoas, beijamos muitas pessoas, conhecemos muitas pessoas. Aproveitamos bem aqueles espaços, é o que quero dizer... Apesar de frequentar rolês, bares, festas, shows, eventos no centro histórico desde então, minha relação com esse espaço estreitou mais – a ponto de virar frequentador assíduo – pós-Pandemia. Entendo, hoje, que isso se deu devido a meus processos de desenvolvimento pessoal, de descoberta e amadurecimento, de auto-entendimento. Que isso veio quando passei a me compreender melhor, a me permitir ser quem sou e a me expressar através de mim mesmo. São nos rolês do centro histórico que sinto a emancipação das expectativas e posso ser quem de fato sou. E, a partir da minha observação dos outros, da maneira como se expressam e são autenticamente eles mesmos, acredito que a significância simbólica desse espaço – para além das questões patrimoniais – não me é exclusiva.

Posso dizer, tranquilamente, que amo diversos rolês do centro histórico, como os eventos na Casa da Pólvora, no Largo São Francisco ou no Ponto de Cem Réis. Mas o evento que mais me marcou e, hoje, é uma constante na minha vida é o Sabadinho. Não remeto apenas à programação ofertada pela Prefeitura, mas ao conjunto de programações que ocorrem concomitantemente naquele espaço: o Sabadinho Bom, com seu samba raiz que "abre as alas" da programação dos sábados; o Samba na Praça, com a roda de samba que movimenta o fim da tarde e início da noite na Rio Branco; as bandas de rock semi escondidas numa galeria da praça; a Cachaçaria Philipeia, que, não havendo artistas performando na frente, deixa sua caixa de som reverberando uma seleção musical sempre inusitada e surpreendente; o 08centro, que proporciona techno na rua; a General Store e seus eventos... Entre a Praça Rio Branco e a General Osório vemos a "união de todas as tribos", minha

parte favorita desse rolê. Em João Pessoa é muito fácil categorizar os rolês pelo principal grupo que estes atraem, mantendo bolhas de convivência que raramente se fundem. Mas não no Sabadinho. Lá temos do rock ao pagode, do reggae ao techno, do samba ao pop. A diversidade musical traz consigo um reflexo da diversidade social, cada onda sonora díspar "chamando" sua galera e, por fim, se transformando numa amálgama rica, densa e insubstituível. Acho que a comparação mais próxima que consigo fazer é com o Carnaval, onde todos parecem estar cobertos por uma nuvem de energia indulgente e desimpedida.

Às vezes me pego pensando que me produzo demais para ir a uma praça no centro, porém é essa forma de expressão múltipla – não apenas minha, mas dos outros frequentadores – que também me conquista. É um acordo não verbalizado de vivenciar o centro honrando quem verdadeiramente somos, sem preocupação de ser ou estar "demais ou de menos", talvez como maneira de honrar, assim, o espaço. De utilizá-lo não como tela branca para nos expormos, mas como primeiro e segundo planos; como projeção de nós mesmos e reflexo dessa mistura; como base integral a nossas próprias manifestações – pessoais e coletivas.

Foi só no fim do ano passado que passei a frequentar o Sabadinho desde seu início, às 12 em ponto. Com uma oficina do IAB sobre patrimônio que me levava ao centro nas manhãs de sábado, passei a marcar o fim da oficina com uma passada na Cachaçaria Philipeia junto ao restante da turma, alguns acompanhados de caldinho e outros de doses de cachaça saborizada. O almoço, arranjado em alguma das barraquinhas na Rio Branco, aparecia na forma de rubacão ou espetinho. Pude observar, finalmente, as transformações pelas quais o espaço passava durante o dia de sábado. Do público, da música, do uso e ocupação dos locais... Pude saborear a experiência de ver tanta gente diferente, com tantas histórias distintas, da infância à velhice lá presentes, o vai-e-vem das pessoas e a partilha das vivências, tudo concentrado em alguns poucos metros quadrados, repetindo-se semanalmente. Outro prazer do Sabadinho é, ao curti-lo rotineiramente, passar a reconhecer outros frequentadores assíduos, fazer amizade com os vendedores; virar parte de algo maior, do coletivo, mesmo que por meras horinhas dos sábados. Essa conexão entre as pessoas que estão sempre por lá realmente acontece – não é incomum alguém parar o outro para elogiar roupa, cabelo, maquiagem. Existe uma espécie de camaradagem, uma simpatia franca e espontânea; uma relação forjada (ou reforçada) pelo espaço, vínculos que são possibilitados

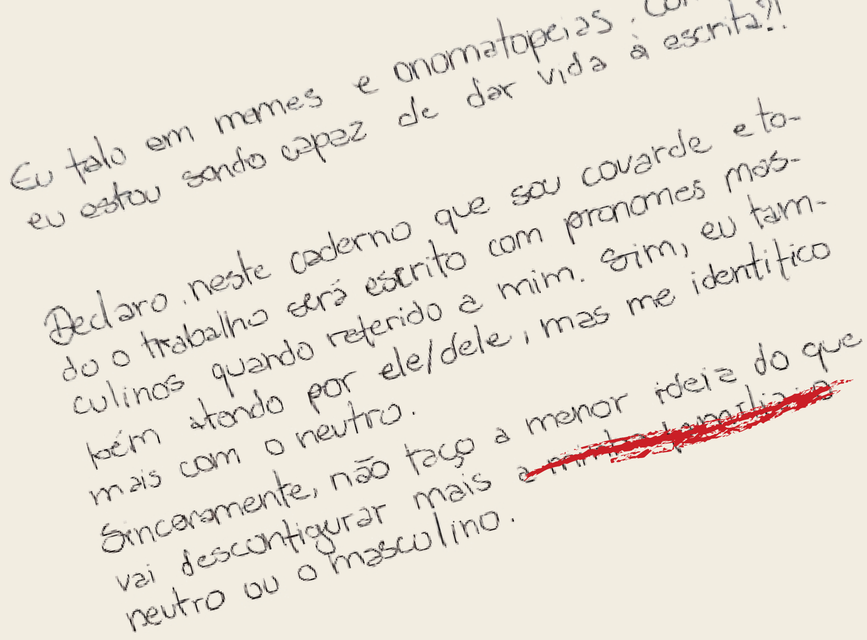
pela música que atravessa as ruas do centro. Pode-se pensar que essas relações não saem do rolê, mas como não se afetar pela história de vida das pessoas que você passa a conhecer? Como existir no coletivo sem deixar marcas nos outros? Baixinho, o rapaz que controla a fila do banheiro da Cachaçaria, já me relatou ter ali conhecido "muita gente ruim, mas também muita gente massa". Gente que, inclusive, já o ajudou a se reinventar. Ele, que era morador de rua até ser acolhido pelo pessoal da Cachaçaria. Como não ver tão grande beleza para além da farra que se sucede nos rolês? O Sabadinho representa, para mim e vejo que também para outras pessoas, diversas formas de acolhimento que não se encontra em outros lugares.

Discorro muito sobre o Sabadinho por ser o rolê que me fez ver, em ação, o potencial latente do centro histórico. Não posso dizer, porém, que o centro e seus eventos musicais se resumem a isso. Este é só um pedacinho da história de uma pessoa que vivencia um pedacinho da história do centro.

O carnaval passou há pouco tempo e me peguei pensando "num é que realmente tem carnaval em João Pessoa?!" e pude sentir o carnaval antes, durante e até depois das datas oficiais. Vi o centro, em especial, movimentado de maneira que ainda não tinha visto. Enchi-me de alegria por saber que o centro histórico tem saído de lugar distante, abandonado e intocável da mente das pessoas; as pessoas têm ido, curtido e ansiado pelos momentos de retorno! No sábado pós-carnaval pude transitar por todos os rolês que ocorreram no "Ainda Tem", o encontro de blocos do Carnaval – e não foram poucos, muito menos homogêneos. Do maracatu ao pop, do samba ao techno, do axé ao forró, do batuque ao sertanejo, foi divertido participar e registrar esses momentos. Senti uma "quebra da quarta parede" ao fotografar os artistas, que interagiam e posavam para minha câmera; quis fazer parte daquilo, quis sair da posição de público e desfilar junto aos grupos. Foi um dia em que a pluralidade do centro esteve em evidência, bradando aos quatro ventos, tanto pelos diversos nichos e subculturas presentes, quanto pelo uso total dos pontos-chave do centro histórico. Questionei-me se esses eventos teriam a mesma potência, o mesmo impacto, caso ocorressem em outros locais da cidade. A espacialidade do centro é acolhedora, faz parte do que ali acontece, caracteriza a vivência... Ela importa para a experiência. Como público, que vai ao centro aproveitar eventos; como morador de João Pessoa, que vai ao centro resolver coisas; e como estudante de Arquitetura e Urbanismo, que vai ao centro para trabalhos de campo e pesqui-

sas, vejo o tamanho potencial do centro histórico e transbordo-me de felicidade ao vê-lo sendo bem aproveitado.

Realmente reverencio os rolês do centro. Acho que por ser a junção de todas as coisas me agradam e confortam, como estar num ambiente aberto, gratuito, no qual me sinta livre, podendo perambular pelos diferentes pontos que me atraem, vendo gente e encontrando pessoas queridas – mesmo que não tenhamos combinado. Acho que esta é a minha principal mensagem: me sinto muito bem vivenciando o centro. Lá afirmo com toda a certeza: “posso ser eu mesmo!” Contrapondo um passado de poda e repressão, foi no centro que passei a desabrochar. Hoje, sei que o cenário musical do centro histórico foi prólogo e, por meio desse trabalho, será epílogo do capítulo universitário da minha vida em João Pessoa.



Fonte: Lara Siqueira e Gilmar Filho

Sabadinho Bom, primeiro horário
Fonte: acervo pessoal

Beco da Cachaçaria
Fonte: acervo pessoal

o papel da música na construção da identidade cultural

A música desempenha um papel fundamental na construção da identidade cultural, influenciando a forma como as comunidades se percebem e são percebidas pelo mundo. Como uma expressão artística universal, a música transcende barreiras linguísticas, conectando-se profundamente com as emoções e experiências humanas. Seu papel abrange diversos aspectos que contribuem para a formação e preservação da identidade cultural (Harley, 1991).

A diversidade musical dentro de uma cultura é um testemunho da riqueza e complexidade dessa cultura. Ao incorporar uma variedade de estilos, instrumentos e influências, a música promove a aceitação da diversidade dentro da própria comunidade, destacando as diferentes expressões culturais (Teles, 2015).

Participar de eventos musicais, festivais e rituais proporciona uma sensação de pertencimento, construindo comunidades mais fortes. A música se torna um meio de unir pessoas que compartilham interesses culturais comuns, criando laços significativos.

Além disso, a música influencia a percepção externa de uma cultura. Artistas e estilos musicais podem se tornar embaixadores culturais, moldando a visão global da identidade cultural de uma comunidade e contribuindo para uma compreensão mais profunda entre diferentes grupos culturais.

Em resumo, a música é uma expressão poderosa e multifacetada na construção da identidade cultural. Ela não apenas reflete a história e os valores de uma comunidade, mas também molda ativamente a forma como essa comunidade é percebida, promovendo a compreensão, a aceitação e a preservação da riqueza cultural ao longo do tempo (Guerra, 2021).

o papel da **música**
na construção
da **identidade cultural**

Fonte: Lara Siqueira e Gilmar Filho

vida de clubber

As ruas e bares de João Pessoa vêm sendo agraciadas com o fervo caloroso de duas figuras marcantes, Parajeau e Yorran. Ambos protagonistas ativos da cena cultural de João Pessoa, principalmente no centro, Jô e Yorran compartilharam sobre seus vínculos pessoais com o centro da cidade e suas visões e expectativas em relação à ocupação do centro. Desde o primeiro contato, ambos demonstraram empolgação em contribuir na construção desta cartografia como uma forma de trazer à tona as camadas invisibilizadas do centro histórico.

Parajeau, com sua vivência de quase três décadas nesse espaço, destaca a sua relação intrínseca com a cena cultural, desde o início da sua juventude até os dias atuais, marcados pelo surgimento de uma nova geração ávida por expressão e pertencimento. Ele lembra vividamente dos anos 90 e 2000, quando o centro fervilhava com os movimentos rave e Clubber, uma época que moldou sua identidade e fortaleceu sua conexão com esse lugar. Essa relação teve grande influência no seu processo pessoal de reconhecer-se enquanto artista.

Yorran, por sua vez, complementa essa perspectiva, enfatizando a diversidade de experiências e histórias que permeiam o centro histórico, desde as manifestações artísticas de rua até as interações cotidianas entre os habitantes e visitantes. Essas narrativas entrelaçadas revelam a complexidade e a riqueza cultural desse espaço, demonstrando como ele se tornou não apenas um marco geográfico, mas também um símbolo vivo da identidade e da criatividade da comunidade local.

Essa continuidade histórica é ressaltada por Yorran, que, mesmo sendo natural de outra cidade, encontrou no centro de João Pessoa um campo fértil para suas atividades como DJ, artista e produtor cultural.

Ambos os artistas destacam a emergência de novos protagonistas e coletivos que estão redefinindo a paisagem cultural do centro histórico. A partir do renascimento pós-pandêmico, uma nova geração de artistas e produtores está surgindo, impulsionada pela vontade de ocupar espaços e criar suas próprias narrativas.

Nesse contexto, a noção de empoderamento ganha destaque. Segundo Jô e Yorran, através de iniciativas como o 08centro e o selo VDC, a percepção é de que o

acesso à cultura e à expressão artística se torna mais democrático, incentivando novos talentos a se lançarem no cenário cultural. Assim, o centro histórico se torna um celeiro de possibilidades, onde qualquer um pode experimentar, criar e fazer parte ativamente da cena cultural.

A partir das reflexões de Yorran sobre o fortalecimento dos movimentos culturais locais e da importância das referências para os artistas, é possível compreender melhor a transição pessoal deles de consumidor de cultura para produtores e realizadores. Ambos Parajeau e Yorran compartilham suas jornadas pessoais nesse processo de descoberta e autodescoberta, revelando a influência de figuras e movimentos anteriores em suas trajetórias.

Para Parajeau, a feira Mercado Capim Fashion foi uma referência fundamental, fornecendo não apenas inspiração, mas também aprendizado e suporte. Figuras como Rick Mala, DJs e produtores culturais da cena clubber, desempenharam um papel de mentor, guiando-o em seu caminho como artista e produtor. Essa conexão com a história e os protagonistas do passado evidencia a continuidade e o renascimento dos movimentos culturais no centro histórico.

Da mesma forma, Yorran compartilha sua experiência de origem em Campina Grande, destacando a dificuldade de encontrar referências e coletivos naquela época. No entanto, sua determinação em seguir sua paixão artística o levou a criar seu próprio caminho, experimentando e aprendendo com cada projeto e colaboração. O surgimento do Vida De Clubber (VDC) e do 08centro foi resultado desse processo, alimentado pela vontade de criar espaços de expressão e comunidade.

A idealização do 08centro, como relata Parajeau, foi um processo orgânico, nascido da necessidade de reunir pessoas e celebrar a volta da vida cultural pós-pandemia. O after do Sabadinho Bom foi um marco inicial, dando origem a um movimento que rapidamente ganhou força e visibilidade. A criação desses espaços representou não apenas o surgimento de novas festas e eventos, mas também a abertura de possibilidades para outros artistas e coletivos ocuparem e transformarem o centro histórico.

Yorran e Parajeau compartilham uma visão ampla sobre o papel transformador de seus projetos, o 08centro e o Vida De Clubber (VDC), na cena cultural de João Pessoa. Eles enfatizam como esses movimentos não apenas oferecem entretenimento, mas também se tornam espaços inclusivos e políticos, capazes de reunir pessoas de diferentes idades, origens e identidades.

A iniciativa do 08centro, em particular, vem destacan-

do-se por sua capacidade de atrair uma variedade de públicos e criar um ambiente acolhedor para comunidades antes marginalizadas. Yorran ressalta a importância desse rolê como um espaço de celebração e convivência, onde a diversidade é não apenas tolerada, mas celebrada. É um local onde a comunidade LGBTQIAPN+, a comunidade negra e outras comunidades minoritárias se sentem bem-vindas e representadas.

No entanto, essa expansão e sucesso não vêm sem desafios. O 08centro já enfrentou resistência de órgãos públicos e instituições, que muitas vezes ignoram ou tentam desacreditar seus esforços. Ainda assim, Yorran e Parajeau veem essa resistência como uma forma de reafirmar a importância de seus movimentos e provocar mudanças. Eles estão determinados a fazer com que suas vozes sejam ouvidas e a continuar abrindo caminhos para novos artistas e coletivos.

A influência e o alcance dos projetos de Yorran e Parajeau vão além das fronteiras de João Pessoa, estendendo-se a outros estados do Brasil. Eles se tornaram referências, contribuindo para o reconhecimento e a valorização da cena musical do Nordeste brasileiro.

Para Yorran e Parajeau, ocupar a margem não é apenas uma metáfora, mas sim uma estratégia para desafiar as estruturas dominantes e abrir espaço para novas possibilidades. Eles estão determinados a fazer a diferença e a inspirar outros a fazerem o mesmo, criando um legado duradouro na cena cultural do Brasil.

Yorran e Parajeau destacam que o 08centro e as festas do Vida De Clubber não apenas agregam valor cultural, mas também têm impacto econômico no centro de João Pessoa. Segundo eles, impulsionam a economia local, pois a grande maioria dos ambulantes são moradores do centro. Além das casas noturnas já estabelecidas, como a General Store, os ambulantes locais se beneficiam com a movimentação desses eventos, o que ajuda a impulsionar ainda mais a economia local.

Além disso, eles reconhecem o aspecto de segurança que sua presença proporciona ao ocupar esses espaços urbanos. Ao promover uma atmosfera vibrante e movimentada, eles contribuem para a sensação de segurança pública, beneficiando não apenas os comerciantes, mas também os moradores locais.

A ocupação de locais históricos, como os casarões que antes pertenciam às elites coloniais, é vista como uma forma de decolonização e empoderamento. Ao transformar esses espaços em locais de expressão cultural e inclusão, eles desafiam a narrativa dominante e reivindicam seu lugar na história da cidade.

A energia e a diversidade desses eventos não só

atraem uma ampla gama de públicos, mas também inspiram uma sensação de pertencimento e liberdade de expressão. Ao criar espaços de acolhimento e celebração para comunidades marginalizadas, Yorran e Parajeau estão liderando uma nova era na cena cultural de João Pessoa, uma era de inclusão, diversidade e resistência.

Destaca-se a importância de desmistificar a visão do centro histórico como um lugar separado da cidade, ressaltando que ele é parte integrante da vida urbana e abriga uma diversidade de pessoas e movimentos culturais e políticos.

Parajeau e Yorran concordam, enfatizando que seu objetivo principal é garantir o direito de ocupar e vivenciar a cidade de forma plena. Eles buscam ocupar espaços ociosos com música e cultura, proporcionando um ambiente inclusivo e acessível a todos. Para eles, a resistência e a reexistência são fundamentais nesse processo, mesmo diante dos desafios e obstáculos enfrentados.

Eles expressam sua gratidão por terem a oportunidade de compartilhar suas experiências e perspectivas, reconhecendo o papel crucial de cada indivíduo na disseminação da mensagem sobre o centro. Ao trazer uma sensação de identidade para os habitantes locais, eles aspiram a contribuir para que todos possam se reconhecer no território e se sintam parte integrante da cidade.

Assim, eles concluem que, independentemente de quem esteja liderando o movimento no futuro, é essencial continuar promovendo essa constante redescoberta e valorização do centro como o coração pulsante da cidade de João Pessoa.

Fonte: acervo pessoal

08centro na Av. General Osório
Fonte: acervo pessoal

relevância cultural da música no centro de joão pessoa

As práticas e eventos musicais exercem uma influência notável na forma como os espaços do centro histórico musical de João Pessoa são percebidos e utilizados, desempenhando um papel fundamental na construção de narrativas urbanas envolventes (Passos, 2010).

Além disso, esses eventos promovem uma intensa atividade social e comunitária. Ao reunir as pessoas em torno da música, os espaços históricos se transformam em locais de encontro, promovendo um senso de pertencimento e coesão social entre os residentes e visitantes (Façanha, 2014).

Ao contar histórias por meio de letras, ritmos e estilos, a música contribui para a construção de narrativas urbanas. Associada a espaços específicos no centro histórico, essas narrativas musicais se entrelaçam com a própria história da cidade, proporcionando uma compreensão mais profunda e rica da identidade local (Nascimento, 2017).

Em resumo, as práticas e eventos de música desempenham um papel vital na animação e ocupação dos centros históricos, transformando esses espaços em ambientes dinâmicos, culturalmente ricos e socialmente interativos. A interação entre a música e o centro histórico de João Pessoa contribui para a criação de uma narrativa urbana única, onde a tradição se entrelaça com a contemporaneidade, criando um legado cultural vibrante.

Fonte: acervo pessoal

Fonte: João Lucas (Tigelinha Estúdio)

completa chatice

Normalmente existem os dois lados da moeda. Em termos de lazer e cultura no centro, isso também se aplica. De fervo na rua à dupla de violoncelistas tocando no Hotel Globo, eu já marquei presença. Os eventos que eu nunca havia participado até então eram as famosas orquestras no Centro Cultural São Francisco. A vontade sempre se mostrou presente, mas nunca dava certo. Até que eu finalmente consegui me organizar para ir. Antes mesmo de chegar na Igreja, já senti um estranhamento. Pessoas indo na mesma direção tão arrumadas (mas um estilo mais elite ou novos ricos de se arrumar), tão perfumadas...Logo de cara vi que o público era mais homogêneo. Alguns gatos pingados de diferentes mundos, mas no geral um público mais velho, com ares de conservadorismo e tédio. O lugar estava lotado, pessoas sentadas do lado de fora tentando apreciar algo da orquestra. Para nós, que estávamos mais atrás, não dava para ver nada dos músicos. Descobri que algumas orquestras não são minha praia (algumas, não todas). Ouvir as músicas encarando a parte de trás da cabeça das pessoas, o suor escorrendo, o lugar um tanto quanto claustrofóbico...pensei “é assim que possíveis ricos, conservadores e católicos se divertem?”. Sim, eu sei, estou generalizando. Mas não irei negar completamente os estereótipos e as bolhas.

Se aguentei quinze minutos lá, foi muito. Parecia uma grande concentração de chatice, tédio, apatia, uniformidade e perfumes importados! Esse é um lado da cena cultural do centro que eu não havia falado ainda sobre. Tão entediante que até escrever sobre se torna chato.

reconhecer-se nos territórios

[...] Nós só nos indagamos sobre uma cidade na medida em que produzimos encontro com algo desta cidade.

Luciano Bedin, *Cartografia: uma outra forma de pesquisar*, 2014.

direito à cidade

O direito à cidade transcende significativamente a mera concessão de acesso individual ou grupal aos recursos presentes na cidade. Trata-se, fundamentalmente, de um direito que envolve a capacidade de transformar e recriar a cidade de acordo com nossos desejos mais profundos. Adicionalmente, é um direito que possui uma natureza predominantemente coletiva, uma vez que a recriação da cidade está intrinsecamente ligada ao exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. A liberdade de moldar continuamente a nós mesmos e nossas cidades, como pretendo argumentar, constitui um dos nossos direitos humanos mais valiosos, ainda que seja frequentemente subestimado (Harvey, 2014).

A cidade e o desenvolvimento urbano que a configura emergem, assim sendo, como campos cruciais de luta política, social e de classe. Conforme argumentado por Harvey (2014), a urbanização do capital está intrinsecamente ligada à sua habilidade de "controlar o processo urbano" no sentido de dominar as estruturas estatais. No contexto da urbanização sob a ótica do consumo, esse processo é estrategicamente empregado como um meio de exercer influência não apenas sobre a infraestrutura urbana, mas também sobre os estilos de vida da população, incluindo "sua capacidade de trabalho, seus valores culturais e políticos, suas perspectivas de mundo" (Harvey, 2014).

Tavolari (2016) ilustra como o conceito de direito à cidade foi apropriado ao longo da história, desde sua primeira apresentação no livro "O direito à cidade" de Lefebvre (1968), atravessando debates sobre sua eficácia, peculiaridades e funções. Mesmo diante de confrontos e divergências em relação às contradições inerentes ao termo, com interpretações diversas e propostas de leitura. Embora esses espaços e bens públicos contribuam significativamente para as características do comum, é necessária uma ação política por parte dos cidadãos para apropriar-se deles e concretizar essas qualidades. Harvey destaca o exemplo da educação pública, que se torna um bem comum quando as forças sociais se apropriam dela, protegendo-a e aprimorando-a em benefício mútuo.

Harvey argumenta que todos aqueles cujo trabalho está envolvido na produção e reprodução da cidade têm um direito coletivo não apenas sobre aquilo que produzem, mas também sobre a decisão do tipo de urbanismo a ser produzido, onde e como (Harvey, 2014).

Assim, o direito à cidade não deve ser interpretado como um direito ao que já existe, mas como um direito de reconstruir e recriar a cidade como um corpo político socialista com uma imagem totalmente distinta: um corpo político que erradique a pobreza, reduza a desigualdade social e cure as feridas da desastrosa degradação ambiental. Para que isso ocorra, é imperativo interromper a produção das formas de urbanização destrutivas que facilitam a acumulação eterna de capital (Harvey, 2014).

desafios nos centros urbanos

As intervenções nos centros urbanos enfrentam diversos desafios atualmente, sendo crucial analisar os paradigmas adotados pelas cidades na revitalização desses espaços. Mudanças conceituais sobre o patrimônio e sua gestão têm ocorrido, proporcionando novos modos de abordagem. Há uma percepção mais intensa do espaço, seu contexto conceitual e aspectos legais envolvidos (Guerra, 2021).

A consideração da perspectiva dos habitantes locais, bem como o envolvimento dos profissionais responsáveis pelas mudanças, busca modificar a realidade dos centros históricos. Apesar de ideias de preservação e programas de revitalização, a maioria desses centros, principalmente no Brasil, continua enfrentando degradação. A falta de uma abordagem integrada de conservação e revitalização impede a adaptação dessas áreas às necessidades urbanas atuais (D'allevedo, 2011).

Por muito tempo, o modelo predominante nas cidades brasileiras foi o de preservação, focado na integridade de monumentos e edifícios históricos. A principal ação era o tombamento de edifícios e a restauração de monumentos relevantes, como igrejas (Guerra, 2021). No entanto, a aceleração da degradação e o abandono desses espaços levaram a críticas ao modelo de preservação. Santos (1986) destacou as contradições nas políticas de preservação do Brasil, indicando que pouco evoluiu ao longo dos anos.

O descontentamento persiste: o governo é responsável por bens que não consegue conservar; proprietários resistem às restrições de uso; o público testemunha a demolição de ambientes significativos (Guerra, 2021). As políticas atuais ainda não se adaptaram plenamente às necessidades locais, dificultando a implementação de

projetos que promovam o desenvolvimento econômico. Essas políticas são influenciadas por modelos estrangeiros ou concepções antiquadas, gerando impasses na manutenção e adaptação do patrimônio brasileiro.

revitalização do centro histórico de joão pessoa: propostas e iniciativas

O IPHAEP, em 1980, liderou os tombamentos na Paraíba e delimitou o "Centro Histórico Inicial de João Pessoa" em 1982 (Scocuglia, 2004). Apesar das tentativas anteriores, os instrumentos legais não foram suficientes para garantir uma política eficaz de intervenção devido à fiscalização precária e omissão do poder público municipal (Scocuglia, 2004).

A "invenção" do centro histórico ocorreu entre 1987--1996, com o Convênio Brasil/Espanha em 1982 introduzindo o conceito na cidade. A Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico elaborou um projeto de revitalização em 1987, mas enfrentou dificuldades na implementação devido à falta de apoio e obstáculos burocráticos (Takaki, 2013).

Parcerias com o PRODETUR e a Associação Oficina--Escola foram estabelecidas, visando a revitalização. A década de 1990 testemunhou esforços para revitalizar a Praça Anthenor Navarro, embora tenham enfrentado resistência (Scocuglia, 2004).

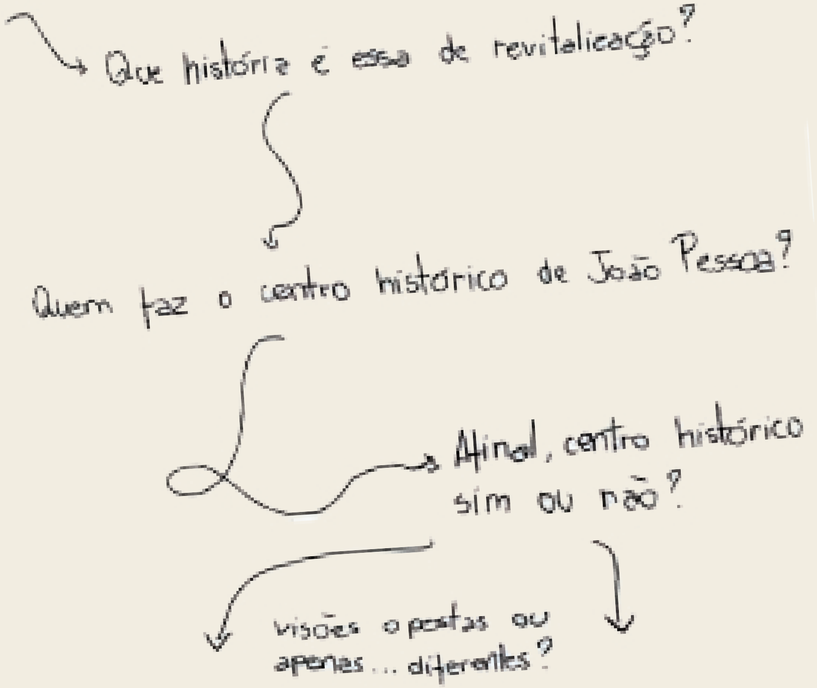
Entre 1996-2002, influenciadas por experiências lidas como de sucesso em outras cidades, as ações de revitalização se intensificaram, especialmente na Praça Anthenor Navarro e no Largo de São Frei Pedro Gonçalves. A ACEHRVO foi formada em 2000 para envolver mais a população nas decisões. Tombamentos estaduais e nacionais marcaram esforços de proteção (Scocuglia, 2004).

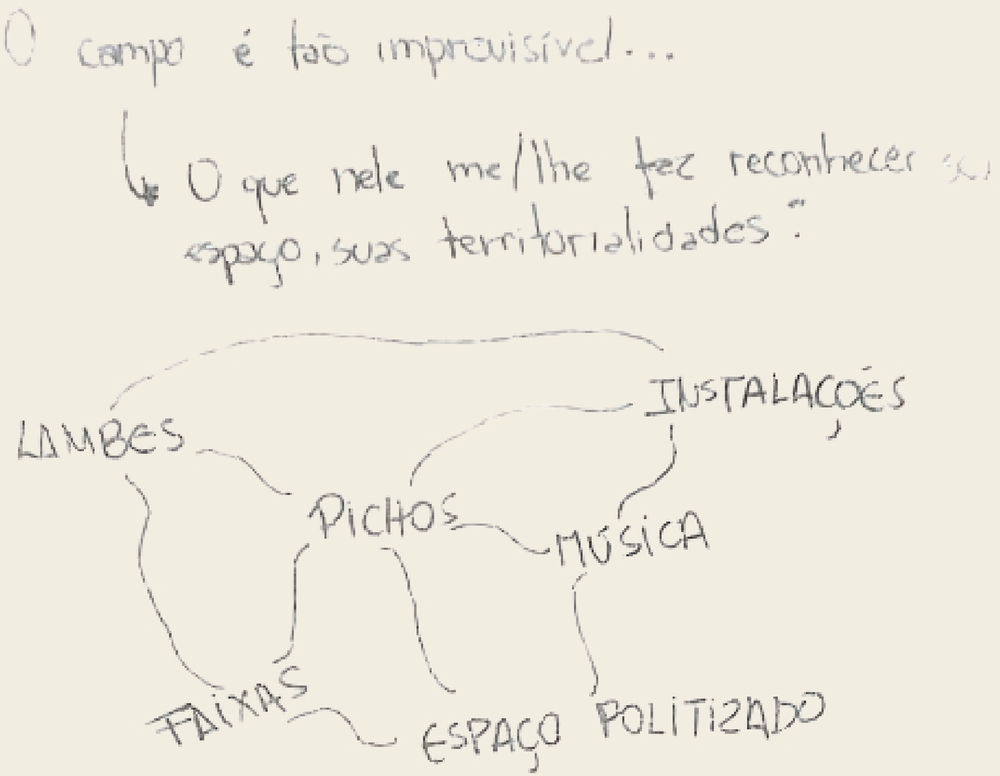
Em 2007, ocorreram intervenções significativas nas praças Vidal de Negreiros e Rio Branco, refletindo a dinâmica entre interesses públicos e privados. A comunidade residente enfrentou desafios consideráveis, especialmente em saneamento e infraestrutura (Padro; Filho, 2013).

A construção proposta da "Arena de Eventos e Cultura" gerou debate sobre a realocação de famílias, evidenciando a falta de diálogo e transparência do poder público (Oliveira, 2015). As intervenções no centro histórico, entre os anos 1980 e os dias atuais, continuam buscando compreender a dinâmica espacial e a cultura da cidade (Façanha, 2014).

O interesse reside, pelo menos, em esclarecer questões relacionadas ao denominado "uso cultural" dos es-

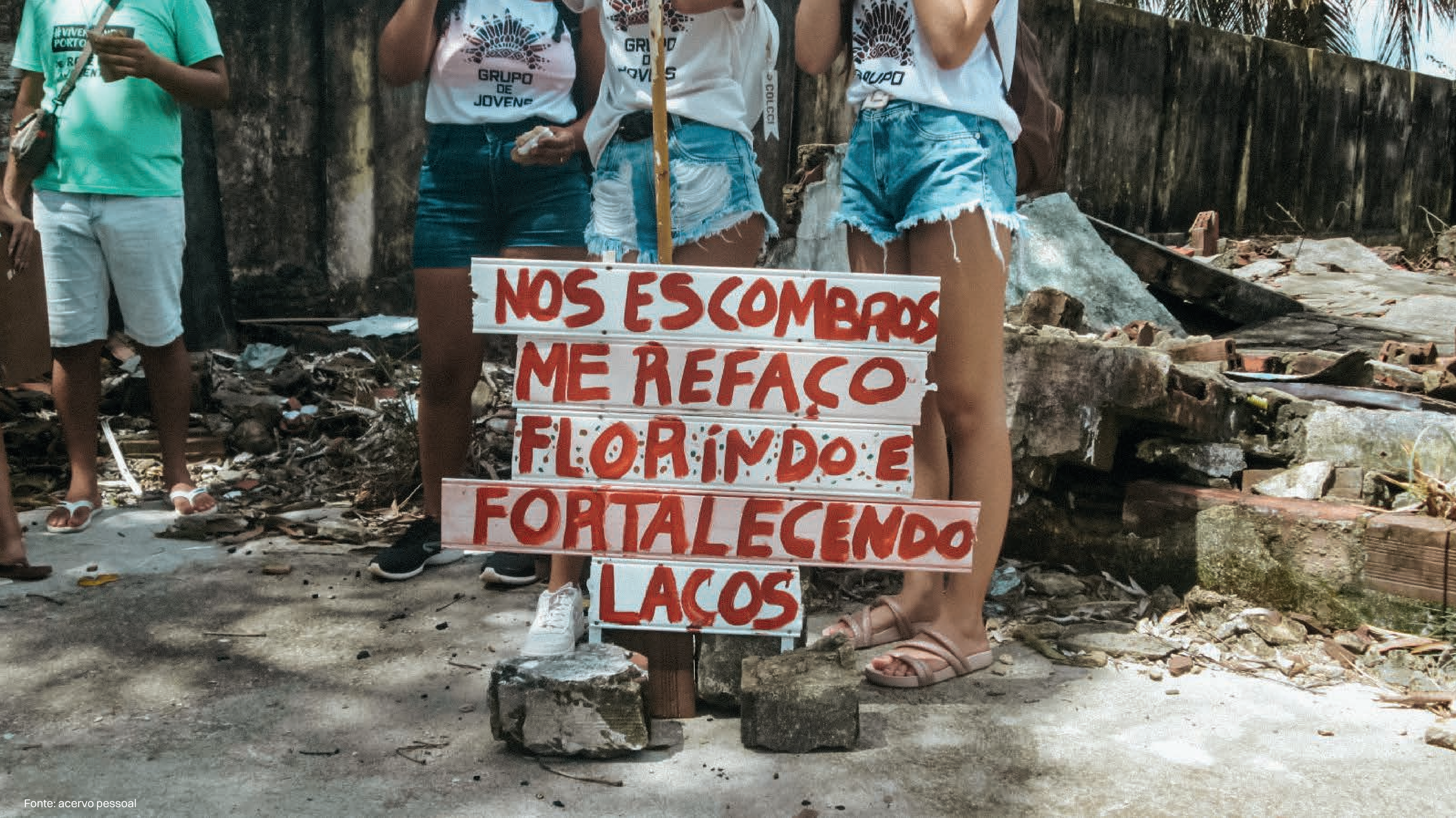
paços públicos, especialmente no que diz respeito a propostas e ações realizadas por diversos agentes e sujeitos no centro histórico de João Pessoa. Nesse sentido, buscamos, de maneira concisa, elucidar como o conceito foi formulado nas ciências sociais e destacar a relevância desse debate na produção do espaço urbano contemporâneo.





“O impacto, sem sombra de dúvida, é sim o mais danoso possível, seja físico, mental, seja identitário, seja de impacto cultural, ambiental... porque querendo ou não, eles agridem também a natureza, não é só as vidas aqui presente. Então acaba isso sendo muito danoso. Mas não só para quem mora, é danoso para a cidade no modo geral. O Porto do Capim, tendo esse processo, essa visão de apagamento, a cidade perde, porque aqui é um bem cultural da cidade. Não podemos perder de vista que o Porto do Capim é nascedouro da capital, né? É aqui que está enraizado toda a identidade de nascedouro mesmo, mas também temos aqui uma comunidade tradicional e ribeirinha, né? Que aqui reside e resiste há quase um século [...] A gente vem nesse processo de resgate dessa identidade, desse Brasil plural, e também das origens e acaba que esses projeto vão em contramão mesmo, sabe?”

sobre projetos de revitalização fio **Rayssa Holanda**



Fonte: acervo pessoal

da janela

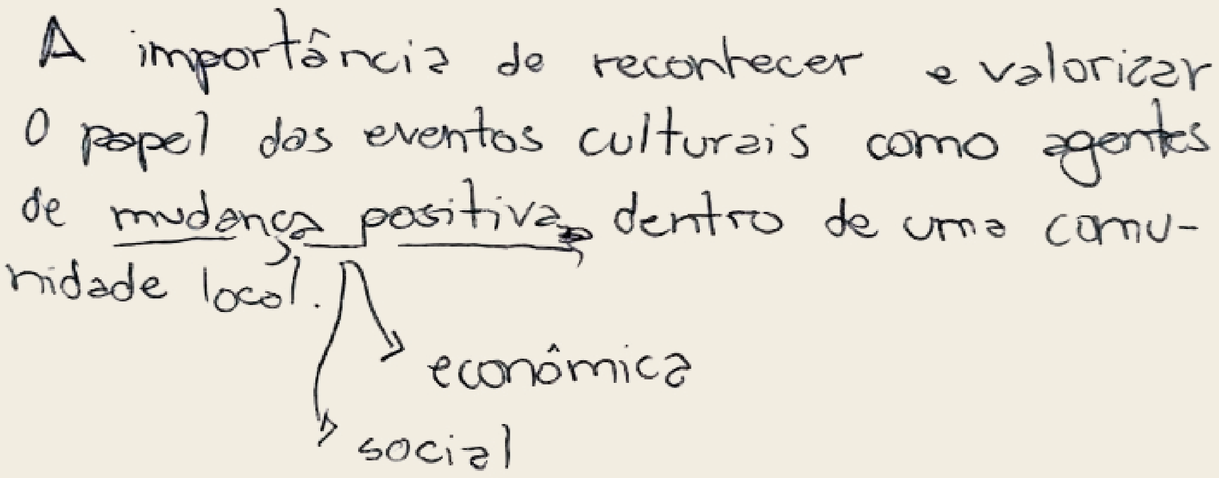
A mãe de Vitória foi a primeira a deixar o Sertão, de onde eram, para trabalhar em João Pessoa. Aos poucos, conseguiu trabalho para os irmãos e trouxe a família aos poucos, até estarem todos na capital. A casa em que moram hoje é a mesma desde a década de 90 – já são mais de 30 anos ocupando um dos casarões antigos no Largo São Frei Pedro Gonçalves, o único residencial do Largo.. Em todo evento que ocorre por ali, a família monta sua tenda, dispõe mesas e cadeiras e vende seus produtos: bebidas, comidas, balas, lanches... É esse o seu sustento.

Quando chegaram, o Largo era meio desabitado; as casas tinham apenas a fachada coberta de mato, o atual IAB não tinha sequer teto ou porta. Com a primeira reforma do Hotel Globo, foram eles que se uniram em manifestação com o padre da Igreja São Frei e conseguiram a restauração da mesma. Essa revitalização acabou por ocorrer no restante das casas. Vitória relembra épocas com muito movimento, como quando existia o Engenho do Chopp e o Paraíba Café na Praça Antenor Navarro; épocas em que ocorria a Intoca e grandes artistas, como Marcelo D2, se apresentaram no local; épocas em que o São João da cidade acontecia pela região.

Mas, em ondas, o movimento veio e foi-se. Com o encerramento de muitos negócios do local, com a migração dos eventos para a orla e com a falta de investimentos na área, o Centro voltou ao abandono. “Então com esse abandono, começou vir [sic] pessoas venderem drogas, entendeu? Ficou uma coisa meio estranha. Então a gente começou a fazer abaixo-assinado, falar com as autoridades para ver se movimentava o centro. Porque movimentando o centro não acontece isso. [...] E aqui não pode ficar abandonado não, porque se ficar, o pessoal toma conta.” Vitória conta que sentiu, em alguns momentos, que o Largo passou a parecer uma “cracolândia”, com assaltos e medo da população em chegar ali. “Mas para melhorar ainda é preciso que ocupe lá e façam prédios, né? Alguma coisa que seja de bom para a comunidade.” Ela comenta sobre a necessidade da área ser habitada e receber mais atenção, que já ouviu turistas reclamarem da falta de infraestrutura: “se é o início, se é o Marco Zero da cidade, por que não ter um olhar

mais especial [...] para ser mais preservada, né?" Até mesmo em relação à preservação dos prédios, Vitória comenta que "[...] igreja eles picham todas, mas a nossa casa nunca foi pichada", que existe um respeito do público em relação a eles: os moradores.

Vitória está na janela, observando o movimento do Largo como costuma fazer, quando comento que algumas pessoas alegam que os eventos culturais promovidos no centro da cidade não impulsionam, de fato, a economia local. "[...] as pessoas que falam que não ajuda, eu acho que é porque não trabalham com isso. Porque o pessoal da casa de show aqui depende do movimento. Tudo aqui depende do movimento. Se não tem, a gente vai vender a quem?"



A janela de Vitória
Fonte: acervo pessoal

Barraca da família de Vitória
Fonte: acervo pessoal

cidade cafona

Vozes e experiências se entrelaçam ou se opõem, revelando nuances e perspectivas singulares sobre o cenário cultural, principalmente musical, que ocupa o centro. Entre essas vozes, destaca-se a de um artista que encontrou em João Pessoa um novo palco para sua expressão criativa. Nesta narração o chamarei de Felipe.

Originário da Bahia, Felipe traz consigo as vivências de uma cidade do interior, marcada pela aridez cultural. Sua chegada à capital paraibana, no final de 2019, representou uma virada de página em sua trajetória, um retorno à vida profissional e cultural após um período de estagnação. Para ele, João Pessoa significava mais do que uma mudança geográfica; era uma oportunidade de reinvenção, de mergulhar em um cenário urbano pulsante e diversificado.

No entanto, as primeiras impressões dele sobre João Pessoa revelaram contrastes intrigantes. Enquanto a cidade se apresentava como um polo cultural em potencial, ele percebeu nuances que o surpreenderam. A dinâmica dos espaços públicos, tão enraizada em sua experiência em Salvador, sua cidade natal, parecia distinta em João Pessoa. A rigidez dos horários dos eventos, o silêncio das ruas após a meia-noite – tudo isso ecoava uma atmosfera que ele descreveu como "um pouquinho mais careta".

Essa observação aponta para um aspecto crucial: a percepção subjetiva dos espaços e eventos culturais. Para Felipe, a cidade se revelava não apenas em suas características físicas, mas também nas interações sociais e nas práticas culturais que a animavam. Suas percepções, críticas e reflexões não apenas enriquecem nossa compreensão da cidade, mas também nos convidam a repensar as formas de interpretar os espaços urbanos.

Felipe, ao refletir sobre a evolução da vida cultural na cidade, remonta a uma época em que João Pessoa vibrava com uma cena efervescente, marcada por eventos inovadores e uma comunidade artística engajada. No entanto, ao longo do tempo, ele observa uma transformação gradual, uma mudança que impactou tanto o comportamento do público quanto a atitude das casas de show em relação aos artistas.

A percepção de Felipe é de que, embora haja um esforço por parte das casas de show para fortalecer um circuito cultural no centro da cidade, esse movimento muitas vezes não se reflete na valorização dos artistas locais. Essa realidade contribui para uma cena cultural marcada pela precariedade financeira e pela falta de reconhecimento do trabalho artístico.

Além disso, ele destaca um fenômeno que o preocupa: a falta de valorização do público em relação aos eventos culturais. Ele observa uma tendência em que as pessoas preferem eventos gratuitos e relutam em pagar por ingressos, mesmo quando o valor cobrado é simbólico. Essa mentalidade, segundo ele, não apenas afeta a sustentabilidade econômica dos artistas e dos espaços culturais, mas também influencia a formação de uma cultura de apreciação artística.

Em meio a essas dificuldades, Felipe reforça a necessidade de repensar e reimaginar as práticas culturais e as relações entre artistas, espaços culturais e o público, visando criar um ambiente mais sustentável e acolhedor para a expressão artística e cultural na capital paraibana.

Ao explorar a interseção entre a ocupação do espaço público, a valorização dos artistas e a dinâmica dos eventos culturais, ele lança luz sobre questões cruciais que permeiam o cenário cultural da cidade.

Uma das questões centrais destacadas por Felipe é a desvalorização do artista local, que, segundo ele, dificulta a criação de uma cena cultural dinâmica e diversificada. Essa desvalorização se manifesta na falta de reconhecimento financeiro e na precariedade das condições de trabalho enfrentadas pelos artistas, tanto dentro das casas de show quanto em eventos realizados nas ruas da cidade.

A reflexão de Felipe também aborda a relação entre ocupação do espaço público e iniciativas culturais. Ele aponta para uma uniformização das práticas, onde eventos promovidos tanto pelo poder público quanto por iniciativas independentes tendem a seguir uma lógica de precarização e falta de diversidade. Essa realidade, segundo ele, impede a emergência de uma cena cultural verdadeiramente diversificada e inclusiva em João Pessoa. No entanto, ele vislumbra esperança em iniciativas como o Carcará Soundsystem, que propõem uma ocupação do espaço público com uma perspectiva econômica mais sustentável.

Suas falas sempre ressaltam a necessidade de valorização dos artistas locais, diversificação das práticas culturais e criação de iniciativas que promovam uma ocupação do espaço público mais inclusiva e economicamente viável.

Felipe expõe de forma contundente as dificuldades enfrentadas pela cena cultural de João Pessoa, destacando não apenas os obstáculos enfrentados pelos artistas, mas também as deficiências na gestão cultural e o desinteresse por parte da elite em fomentar a cultura local.

Sua crítica à administração cultural da cidade ressalta uma visão antiquada e feudalista, que não acompanha as demandas e aspirações da comunidade artística. A falta de perspectiva de mudança e o desinteresse por parte da elite em apoiar financeiramente os artistas locais evidenciam um cenário desafiador para o desenvolvimento cultural da cidade.

Além disso, Felipe aponta para o domínio de uma cultura cafona e superficial, que se reflete tanto na ausência de alternativas culturais quanto na interferência negativa do poder público em iniciativas independentes. Essa realidade, segundo ele, contribui para a perpetuação de uma aura provinciana em João Pessoa, que limita o potencial criativo e inovador da cidade.

Essas reflexões ressoam com algumas das minhas, reconheço a importância de uma abordagem ampliada para compreender os desafios culturais de João Pessoa. Como estudante de arquitetura e urbanismo, considero relevante a dimensão social na análise do perfil da cidade, incluindo não apenas aspectos físicos, mas também as dinâmicas culturais e as relações de poder que moldam o espaço urbano.

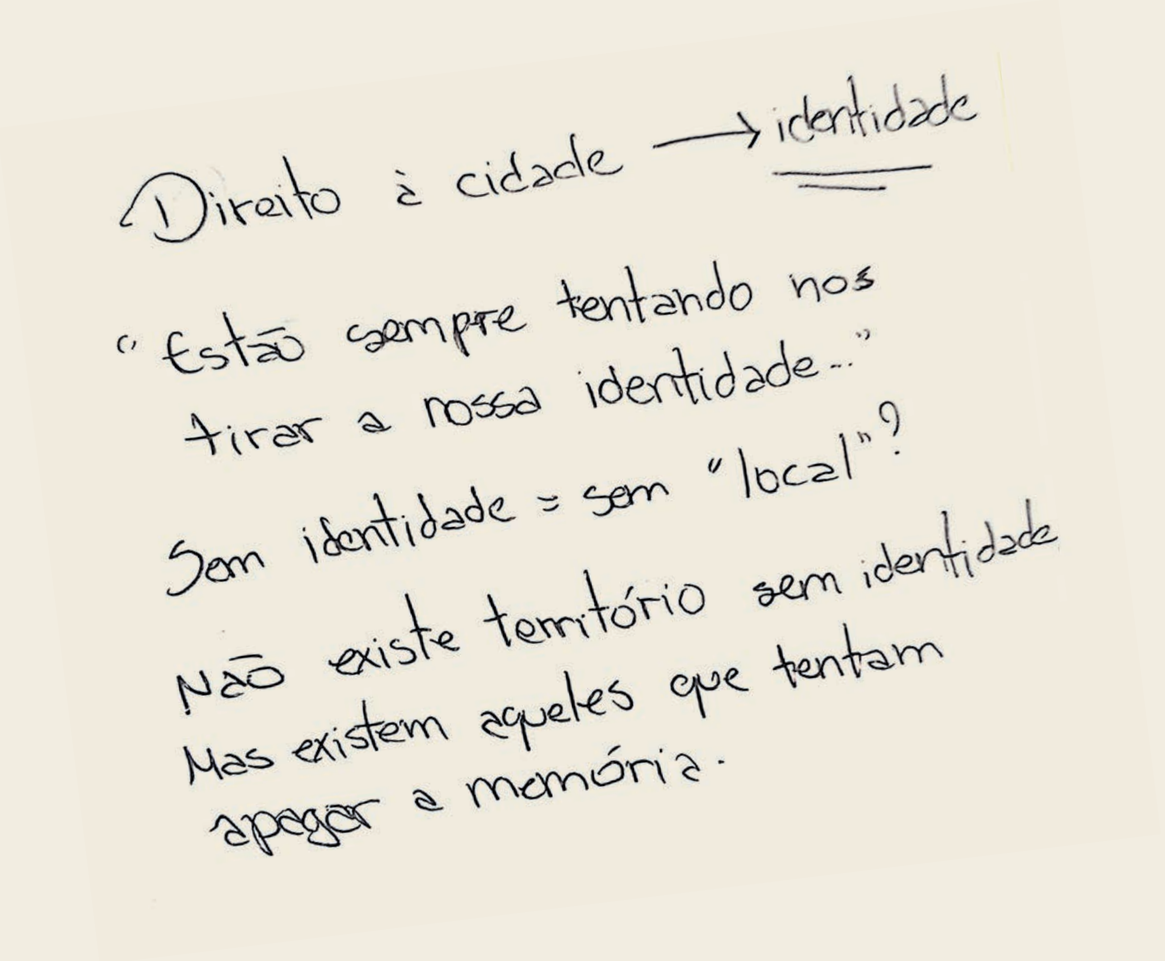
Dessa forma, as percepções de Felipe abrem espaço para uma compreensão mais abrangente dos desafios culturais enfrentados em João Pessoa. Elas enfatizam a necessidade de uma gestão cultural mais inclusiva e progressista, além do engajamento da comunidade artística e da elite local na promoção e valorização da cultura na cidade.

Felipe oferece uma análise profunda sobre os desafios e complexidades da ocupação artística nas ruas de João Pessoa, destacando a importância de uma abordagem que considere não apenas a disponibilidade e o desejo dos artistas, mas também as relações de classe e as dinâmicas comunitárias.

Além disso, Felipe destaca um episódio revelador ocorrido durante um evento na rua em frente à General Store, onde uma pessoa em situação de rua interrompeu a performance de uma DJ. Esse incidente provocou em Felipe reflexões sobre as complexas relações de classe e as dinâmicas de poder que permeiam as ocupações artísticas nas ruas de João Pessoa, demonstrando a necessidade de uma abordagem mais sensível e inclusiva na promoção da cultura urbana.

Ele enfatiza a importância de construir pontes entre os diferentes segmentos da sociedade, incluindo os artistas e os habitantes locais, e enfatizou a necessidade de uma inclusão real na sociedade, para além das meras formalidades burocráticas. Para Felipe, este é um caminho para uma prática artística mais sustentável e enriquecedora, que promova o diálogo e a integração entre os diversos grupos sociais da cidade.

Suas reflexões revelam não apenas os desafios, mas também as oportunidades e responsabilidades envolvidas na ocupação artística das ruas de João Pessoa, apontando para a necessidade de uma abordagem abrangente e comprometida com a justiça social e a inclusão comunitária.



Fragmentos de **lugares**, costurados pela noite. Experiência central **noturna** pessoense. Casa da Pólvora, Vila do Porto, Largo, Sabadinho Bom, Mofado Bar e Drinks Bar.

circuito costurado

Fonte: João Lucas (Tigelinha Estúdio)

heróis da resistência

Foi na tarde de uma quarta-feira qualquer que combinei de me encontrar com Seu Carlos. O comércio tinha seu fluxo normal, um pouco menos cheio que de costume, talvez pelo calor extenuante que fazia. A Cachaçaria Philipeia tinha seus banquinhos e decorações arrumados, diferente do que costuma ocorrer aos sábados, em que a quantidade de pessoas impede até que as mesas fiquem em seus locais. Não havia ninguém lá dentro e entrei incerto.

"É só tocar o sino!", gritou Baixinho, que passava do outro lado da rua. Balancei e logo Dona Leda, a esposa de Seu Carlos, apareceu, avisando que ele havia saído e voltava já. Sentei-me e sem demora ela puxou conversa comigo. Falamos sobre o Centro Histórico, sobre eras em que o local era mais perigoso, sobre como estava mudando, sobre morar e trabalhar no Centro... enquanto conversávamos, um trio de jovens chegou e começou a experimentar os diferentes sabores de cachaça expostos. Pouco tempo depois, um homem mais velho se sentou junto a mim e pediu duas doses, adentrando a conversa que ainda tinha com Dona Leda.

Seu Carlos chegou mais tarde, um pouco esbaforido, com uma cara de quem estava resolvendo problemas. Logo se sentou por trás do balcão, de frente a mim, indo direto ao ponto. Então contou-me sua história e a da Cachaçaria, com sua cadência calma e energia de narrador:

Disse-me que era jornalista "das ativas", viajava muito pela Caatinga e semiárido, era entusiasta de cachaça e resolveu, um dia, começar a vender para os amigos. Trabalhava em um jornal e no estado e dava tonéis de madeira cheios de cachaça para os amigos. "E aí me deu uma coisa de supetão: vou abrir um ponto de cachaça, que não tem, né? A pessoa procura aqui no Centro Histórico de João Pessoa, não tem um ponto de cachaça." Contou que não quis abrir na cidade baixa porque já estava meio deserto, mas na cidade alta era diferente. Relatou que seus pensamentos, na época, guiaram-no: "tem que ser num lugar histórico, como é a cachaça, num é?!" Achou a garagem, onde hoje funciona como cachaçaria, fechada e resolveu abri-la. O nome, Philipeia, veio da história da cidade de João Pessoa. E assim

começou a vender cachaças e caldinhos no local. “Fui eu que inventei a cachaça acompanhada com frutinhas”, confessou. As cachaças saborizadas vieram aos poucos, criando junto com Dona Leda. “E hoje nós estamos aqui há 20 anos dando alegria para o povo”.

Quando se estabeleceram, só havia a Cachaçaria, o Música Urbana, o Elionai na ladeira e mais um ou dois mais distantes. Uma grande efervescência cultural começou – segundo palavras do próprio Carlos –, com diversas casas de show funcionando na cidade baixa. O circuito de 15 anos atrás iniciava no Sabadinho Bom, assim como hoje, seguindo para a Cachaçaria, que lotava. Após as 21h o fluxo de pessoas migrava do beco para lugares como o Circo Piolin, com shows alternativos e teatro, ou para o Nai, com shows de rock. Discorreu sobre os músicos locais, “da terra” ganharem dinheiro ao performar no Centro, sobre os diversos casarões que ofertavam shows muito antes de locais como a General Store existir. A lembrança do Corredor Cultural também o traz muito apego, relembrando a entrada bonita e o palco que foram criados pela FUNJOPE de Milton Dornelas. “Sabe o que é que você tinha aqui todo sábado? Coco de roda, ciranda, rabequeiros... Shows de artistas da terra. Quando terminava, às nove, a galera se espalhava para o Piolin, para o Nai, e depois de madrugada amanhecia lá no Vila. Era muito bom!” Personagens que também perduram até os dias atuais, como Seu Pereira e Escurinho, conseguiam ser artistas pelo Centro Histórico da sua cidade. “Muita gente prestigiava o Centro”, lembrou antes de comentar sobre os problemas de ineficácia da segurança pública que afastaram as pessoas do local. Ele remete a alguns “heróis da resistência”, como o Vila do Porto, o Mofado, o Centrô,” que se mantiveram ao longo dos anos. Seu Carlos diz que a Cachaçaria conseguiu se sustentar por ser o único lugar que vendia cachaça, e cachaça da Paraíba, chamando turistas e visitantes. Porém, conclui, o público de hoje não é mais como o de antigamente. Funciona o Centro da gente, mas não é como antigamente. [...] se não houver medidas mesmo eficazes, vai se acabar rapidinho, rapidinho.”

A “visão medíocre” dos gestores seguintes da FUNJOPE, como colocou Seu Carlos, não deram continuidade nem aperfeiçoaram o Corredor Cultural. O governo municipal também não manteve a segurança no local, afugentando o público. A grande burocracia para credenciar as casas de show também afugenta quem poderia investir no local, mas comenta que “para haver uma revitalização séria, do Centro Histórico como um todo”, tem de ser um projeto conjunto entre órgãos como Prefeitura, IPHAN, IPHAEP, CEAP... Há cerca de cinco anos,

Seu Carlos e Dona Leda mudaram-se para o casarão do qual a garagem da Cachaçaria faz parte, tornando-se moradores de fato do Centro. Ficou para eles ainda mais evidente a deterioração física e cultural do Centro Histórico: “[...] muitas vias estão mortas. Aqui da minha Cachaçaria até a Igreja São Francisco está morto. Ninguém quer mais abrir loja, ninguém quer morar mais. A General Osório também. Ali por trás dos Correios também. Você vai lá agora? Tem muitos ‘aluga-se’, muitos prédios fechados.”

Hoje, com a retomada e lançamento de alguns projetos, o cenário aos poucos muda positivamente. As melhorias quanto à segurança vistas na época do verão também não parecem pontuais ao período, mas já vinham de conversas mais antigas com a FUNJOPE e até mesmo com o Comando da Polícia, por parte dos donos de estabelecimentos, que tem suas próprias reuniões e demandas. Contudo, ressalta que “se não houver uma certa agressividade por parte dos Poderes Públicos, para revitalizar e atrair investimentos, vão deteriorar os casarios e vai piorar. [...] Para revitalizar, para povoar o CH, tem que ser agressivo, com a participação de todos esses órgãos.”

Seu Carlos fala de tal maneira que parece vir direto da alma, expondo toda sua bagagem através das palavras. “Se você me perguntar por que é que eu enfeitei o meu boteco com obras de arte, eu vou dizer o porquê. Cachaça não é uma simples bebida. Cachaça é cultura. Cachaça está enraizada com a história do Brasil. Cachaça é a única identidade do brasileiro: o samba é da África, o café é dos árabes, o futebol é dos ingleses. E a gente só tem a cachaça.” Revela, também, que as diversas obras espalhadas pelas paredes da Cachaçaria são de artistas locais, da própria João Pessoa. “Cachaça é uma carga cultural muito grande. É por causa da cachaça também que o povo não se rebela. [...] Dá pra aguentar a inflação. Dá pra aguentar a exploração e o domínio.”

Quando comento sobre a cachaçaria ser também um lugar de resistência política, ele completa, intenso, que é política e cultural. Pede-me que escreva que, nos 20 anos desde seu surgimento, a Cachaçaria já provocou e segue provocando muitas felicidades, inclusive com clientes que ali se conheceram e hoje tem até filhos. Sinto que um dia inteiro não seria suficiente para a quantidade de coisas que Seu Carlos tem para dizer, para a quantidade de histórias que tem para contar. Desde que começamos a nos comunicar sobre sua participação na minha pesquisa, Seu Carlos não parecia apenas disposto a me ajudar, mas também feliz de fazê-lo, garantindo-me que estaria presente na defesa final deste trabalho.

Com a chegada de um cliente já bêbado, terminamos nossa conversa e ele seguiu com seu dia de trabalho. O sol se punha no meu retorno para casa e me peguei pensando em uma das coisas que Seu Carlos havia dito. Coisa essa que me cingiu de esperança, validou minhas reflexões. Ele disse: “[...] o centro histórico ainda respira, ainda tem vida. As pessoas ainda encontram aqui diversão, em meio aos casarios antigos. Casarios que são nossas identidades, nossa história. Cada casario tem uma história dos nossos antepassados. É identidade. Cidade velha de um povo.”

Fonte: Lara Siqueira e Gilmar Filho

Interior da Cachaçaria Philipéia
Fonte: acervo pessoal

Beco da Cachaçaria Philipéia
Fonte: acervo pessoal

encontros, acasos e atravessamentos

Notas, relatos, rascunhos, artes e fotografias que permeiam as entranhas do cartógrafo e do centro.

“Eu acho que na parte da manhã e de tarde quem faz o centro são os trabalhadores, né? São as pessoas que de fato estão o dia todo no centro trabalhando e que saem para almoçar, saem para descansar, que estão circulando nesses espaços. E as pessoas que vão consumir desse centro para comprar, geralmente, ou atrás de algum serviço. E eu acho que quem faz o centro de noite já é um outro público. São as pessoas que vão para o centro para se divertir nas casas noturnas. E quem faz o centro de noite também são os moradores, né? Tantos moradores das residências quanto os moradores de rua também. Eles fazem parte do centro e eu acho que eles são uma categoria que vale a pena levar em consideração, né, como pessoas que pertencem a esse local. ”

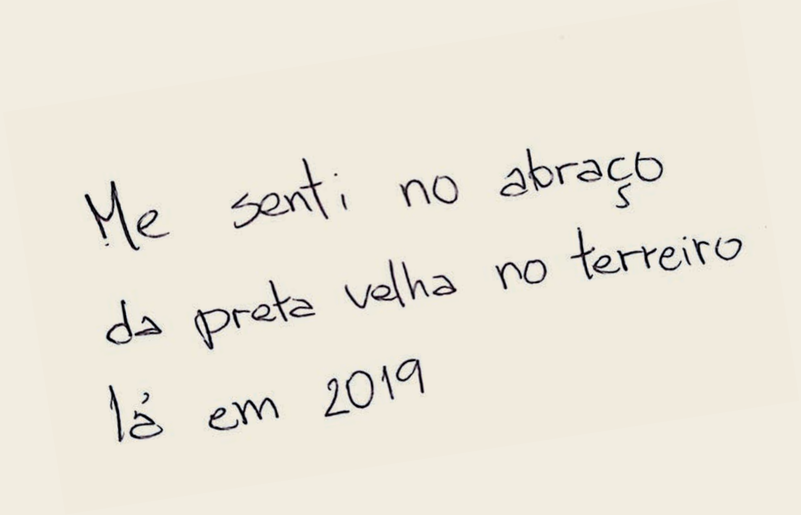
quem faz o centro? fio **breno crispim**

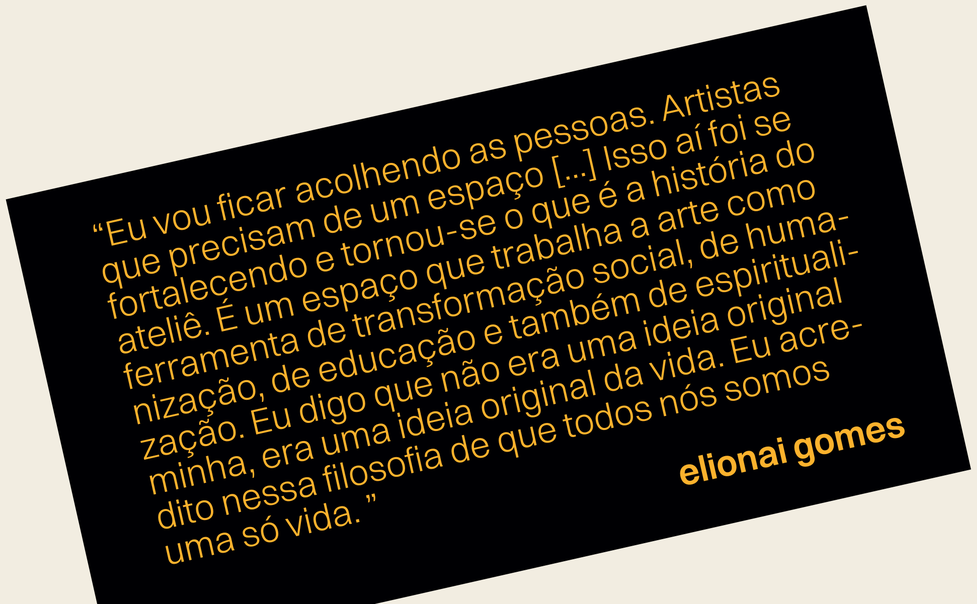
Samba na praça
Fonte: João Luiz Carolino

agentes da captura

A foto da foto, da foto, da foto. **Memórias** registradas e guardadas através de **mega pixels**.

Fonte: João Lucas (Tigelinha Estúdio)



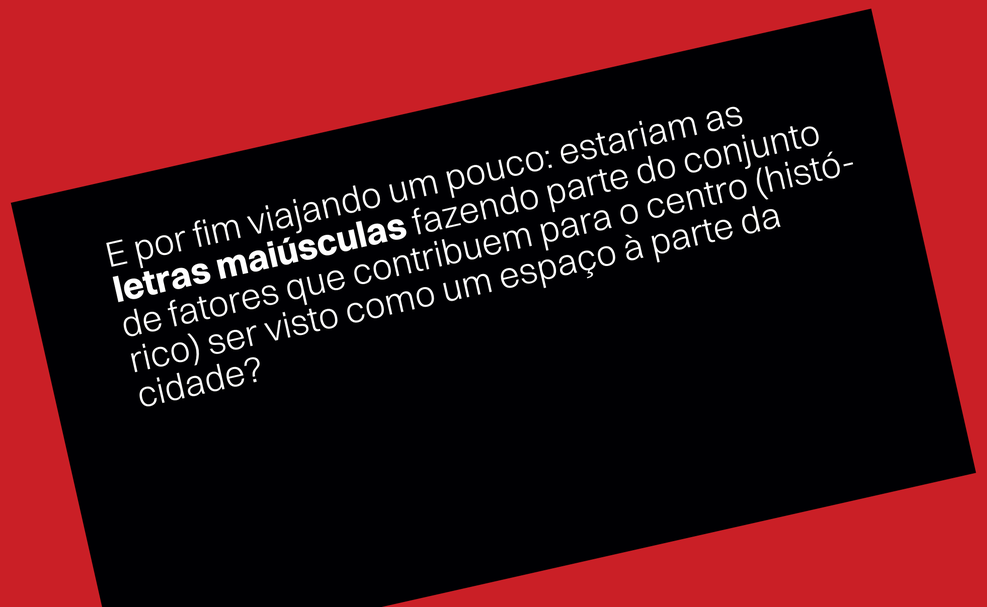


Particularmente, amo como algumas coisas nos transportam diretamente para uma memória afetiva. Tipo o piso da sede do IAB que me lembra os palcos nos quais já me apresentei dançando ballet. Ou como os ambulantes vendendo siriguela no Ponto de Cém Réis me levam lá para o quintal de Dona Ni, nas Tabocas (PE), onde a pirraiada toda passava mais tempo nos pés de siriguela e nas mangueiras do que no chão.
Quando Elionai me recebeu em seu ateliê eu senti os mesmos braços abertos e calorosos que vovô tinha com quem chegava na renovadora de pneus dele. Ao olhar para as obras expostas, que são parte de Nai, parte de sua história, eu via as paredes da renovadora decoradas de teto a piso com fotografias que também contavam um pouco da vida de vovô, da nossa família. Tudo isso me tocou de forma singular quando Nai disse “eu acredito nessa filosofia de que todos nós somos uma só vida”.

o terrorismo das letras maiúsculas

Por vício de escrita costumo escrever/digitar tudo em letras minúsculas. Também sou péssimo com pontuação. As vírgulas fogem de mim e eu também nem corro atrás delas (e quando nos encontramos é sempre no lugar errado!). Escrevo da mesma forma que processo na minha mente (no caso, não processo): acelerado atropelado sem tempo para respirar sem pensar muito bem no que estou pensando e às vezes falando. O terror da gramática! Nem sei por que, gosto tanto de ler. Dizem que isso constrói bons escritores, né? Mas afinal o que é um bom escritor? Sei lá. Reproduzindo senso comum.

Enfim, me perdi! Acho que o que eu queria falar, a priori, é que essa nota é dedicada exclusivamente a você, Pedro, que provavelmente irá ler juntamente com várias outras coisas que venho fazendo no processo de TCC. Sinto que vou continuar recebendo o puxão de orelha sobre textos que envio com o comentário de que ainda não revisei. A revisão das escritas dos meus pensamentos soltos e loucos serve apenas para que as pessoas não achem que eu não sei o básico da língua portuguesa e ainda assim concluindo uma graduação.



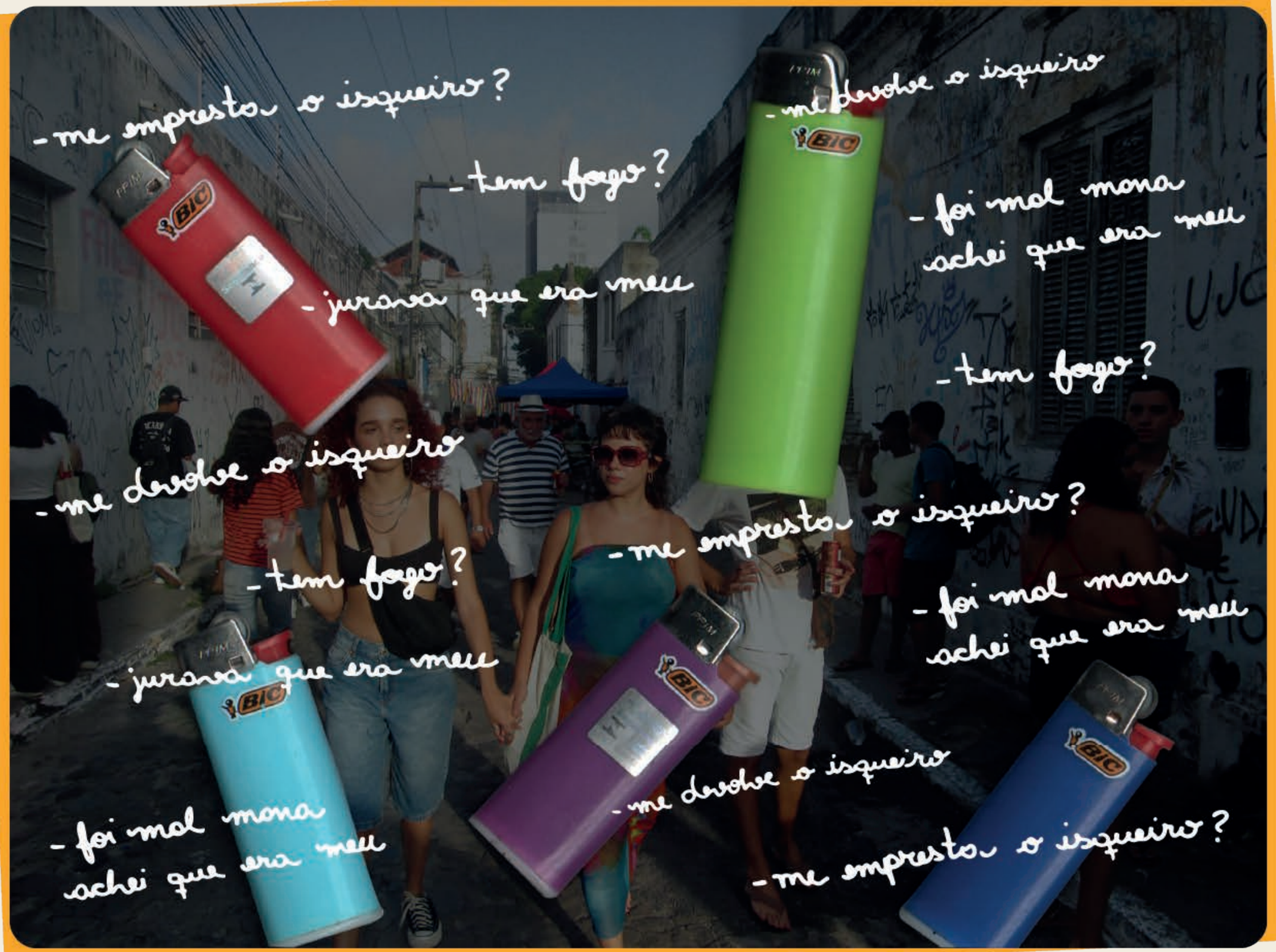
Bom, o que eu noto bastante nos textos publicados que falam sobre centro histórico é o famoso “Centro Histórico”. Com letras maiúsculas! Eu, particularmente, não faço a menor ideia se isso é regra gramatical. E se for, por quê? Entendo que Centro, enquanto bairro, se encaixa nos nomes próprios(?) assim como Manaíra, Varadouro, Torre...Acho. Mas e o Centro Histórico? Por quê? Por que é histórico? Por que é tombado? Por que é algo tão distante no imaginário das pessoas que precisa ter um nome próprio? Não é só mais uma área da cidade? Se eu falar apenas “centro” nos meus textos, não “centro histórico” ou “Centro Histórico”, as pessoas irão imaginar algo diferente? Existe diferença entre o centro e o centro histórico no imaginário das pessoas, no meu imaginário?

Tudo bem, eu entendo que, geograficamente analisando o caso de João Pessoa, quando falamos em centro histórico estamos englobando mais de um bairro (Centro e Varadouro). Então poderia ser para fazer essa distinção? Mas é tudo central e histórico e atual!

Meu cérebro frita e se revira um pouco com meus próprios questionamentos.

Fonte: João Lucas (Tigelinha Estúdio)

tem fogo?



Socialização através do isqueiro ou da falta dele. Diferentes **tribos** interagindo para um bem maior, acender seu **fumo**.

Fonte: João Lucas (Tigelinha Estúdio)

como sei que terminou?

Eu não sei quando termina, porque talvez não exista um fim ou porque nem sei em que ponto estou agora, quem dirá saber onde fica a conclusão.

Acredito que, no caso deste trabalho, tudo seja uma porta de entrada, que a cartografia como um todo atua como um início. Uma forma de despertar o interesse das pessoas em relação ao centro, a outras perspectivas do centro. Quem sabe após esta pesquisa não se iniciem outras jornadas cartográficas de outras pessoas, outras andanças. E então se tornarão o miolo ou outros começos ou só diferentes partes do miolo mesmo, mas nunca um fim.

Fonte: Mariana Franzoi

— Amiga, quando é que você sabe que acabou?

— Uma possibilidade de resposta que eu penso é: quando acaba o prazo kkkkk porque eu realmente acho que só termina quando acaba! Mas outra na qual eu também acredito igualmente é: quando você se vê satisfeito com a “unidade” do todo. Acho que a suficiência não é de quantidade, mas da sua paz com o que você fez. conforme o tempo avança e o prazo se aproxima, acho que a gente vai fazendo escolhas e tomando decisões do que merece mais uma atençãozinha, do que já está ok, do que pode até merecer uma atenção, mas você não aguenta mais olhar então toma uma outra decisão para lidar com esse algo... acho que isso!

socorrer um concluinte

referências

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Editora Perspectiva S/A, 2022.

BABELON J.P., CHASTEL A. **A noção de patrimônio**, Ed. Liana Levi, Paris, 142p, 1994.

CARLOS, A.F.A. **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade.** São Paulo. Contexto. 2004.

COSTA, L. B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV,** Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 066-077, 2014.

D'ALLEVEDO, P.T.F. *et al.* **O circuito-cena e. music de João Pessoa: dinâmicas locais de uma cultura jovem global.** 2011.

FAÇANHA, J. M. S. **Beco da lama: formas e cores de uma plástica da vida**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

FONTENELLE, C.M**. Narrar a cidade: Fabulação do espaço e espaços de fabulação na pesquisa sócio-espacial**. 2021.

GUERRA, P. Sons, Corpos e Lugares: Para uma metonímia das cidades musicais contemporâneas. **CSOnline-Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 33, p. 171-197, 2021.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Martins Fontes: São Paulo, 2014.

JACQUES, P.B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Paris: Gallimard, 1970.

NASCIMENTO, A.K.S *et al.* **Os movimentos sociais urbanos e a luta pelo direito à Cidade: uma análise do Varadouro cultural.** João Pessoa, 2017.

referências

PASSOS, E. *et al*. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 2010.

PRADO FILHO, K.; TETI, M.M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói,** n. 38, p. 45-49, 2013.

ROCHA, L.B. **Uma [contra] cartografia transviada da UFF: corpas e corporeidades trans universitárias**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2022.

SANT'ANNA, M. A recuperação do centro histórico de Salvador: origens, sentidos e resultados. **RUA: Revista de arquitetura e urbanismo**, v. 6, n. 1, 2003.

SCOCUGLIA, J.B.C. **Revitalização Urbana e (Re) Invenção do Centro Histórico na Cidade de João Pessoa (1987-2002).** Ed. Universitária da UFPB, 2004.

TAKAKI, E.; MACHADO, D.B.P. Cidade (in) corporada: coreografias do cotidiano. **Revista INTERFACES**, v. 20, p. 145-156, 2014.

TELES, M.M.F. **A cartografia turística de João Pessoa e seus discursos sobre a cidade.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015.

OBRIGADE

lara siqueira **damasceno**
universidade **federal** da **paraíba**

abril

20**24**

(a)nexo

fotos e rascunhos pessoais

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

acervo pessoal

23/03/24

Essa tecitura jamais teria como ser só e completamente minha. Entendo o que ele quis dizer, mas esse produto se mostra "multi" nas diversas aplicações! No antes, durante e depois foi, é e será múltiplo, carregado de camadas e pessoas e colaborações.

Comecei esse processo ACHANDO que estava sendo espontâneo, mas no fundo havia um planejamento comendo pelas beiradas. Mas tudo bem! Porque no meio do caminho os imprevistos e imprevisibilidades vem me mostrando o que o espontâneo é isso tem me navegado por um caminho/percurso interessante. Fui abraçada por histórias e pessoas quando eu menos esperava, e que delícia!

Não acho que esse trabalho venha a se formar um álbum muito bem pensado, com transições impecáveis. Ele é muito diversificado, na mesma medida em que é monotemático. Lembra a playlist de músicas curtidas (um pouco): à primeira vista totalmente caótica, porém são as peças que compõem algo que faz sentido.

Faz sentido pra mim, espero que faça pra os outros também. Mas acima de tudo, espero que, de alguma forma, em maior ou maior intensidade, essas narrativas toquem algum lugar da alma de quem vai ler/ver/ouvir/sentir as ressonâncias urbanas.

— x — x — x — x —

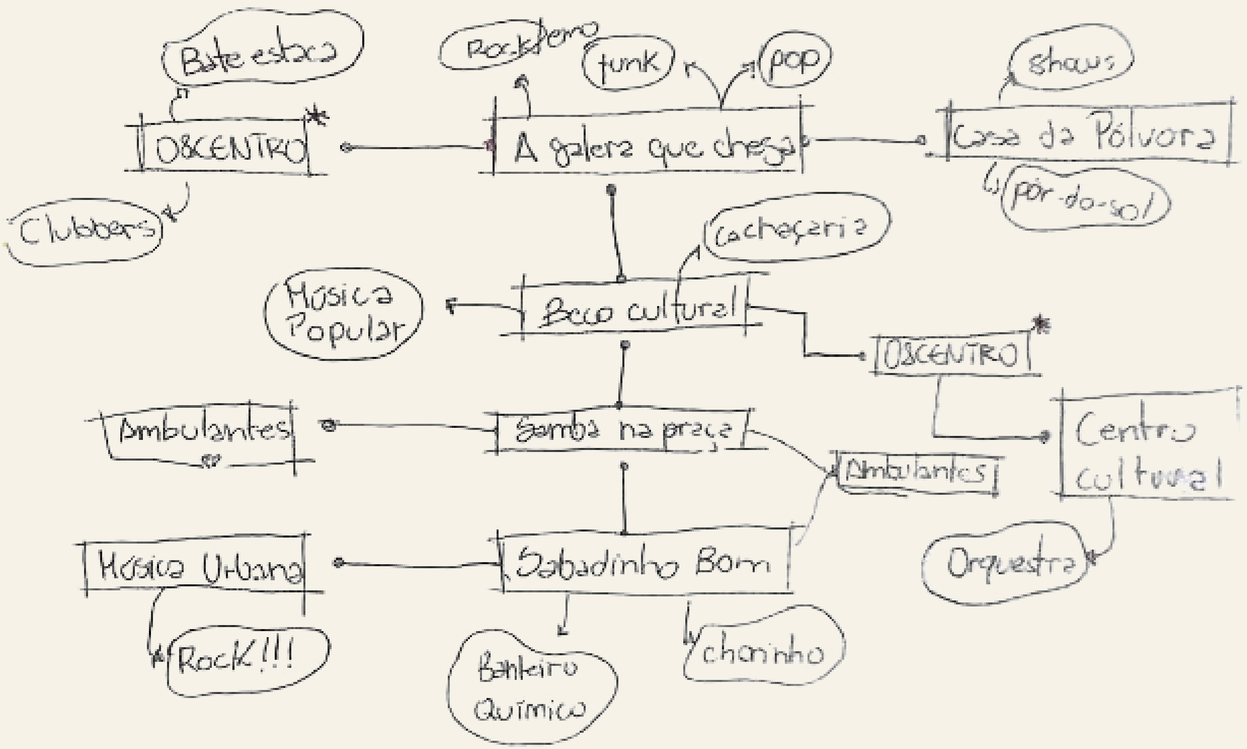
Que história é essa de revitalização?

Quem faz o centro histórico de João Pessoa?

Afinal, centro histórico sim ou não?

visões opostas ou apenas... diferentes?

acervo pessoal



De longe, foi o encontro mais à flor da pele. Poucos minutos de conversa e eu já estava com os olhos ~~eram~~ marejados. Acho que não percebia, até então, a proporção dos atravessamentos que a arte tem na minha vida.

~~As minhas composições estéticas e linguagens corporais~~ também configuram uma forma de ARTE.

A minha MANIPULAÇÃO CORPÓREA

acervo pessoal

Terça-feira 27/02

Trabalho de [illegible]

Representação religiosa

LADEIRA DA BURGUESIA

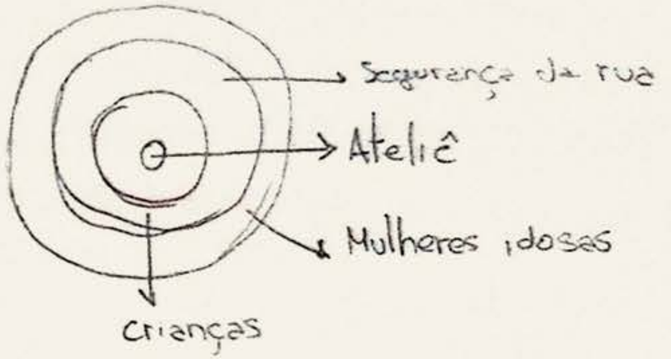
RUA DA AREIA

"Se você escolher subir vai ser esforço
Mas, também, se você quiser continuar na
mesma, é só rolar."

Acolher pessoas → artistas que precisem de
espaço. Naturalmente foi se fortalecendo
e se tornando um coletivo

"Espaço que trabalha a arte como ferramenta de transformação social, de humanização, de educação e também de espiritualização."

Todos nós somos uma só vida



"Círculos em expansão" ↗acolhimento
↳ para ir atingindo ao longo do tempo

Aquilo que causa. O que a arte causa.
"Eu sou um educador social."

O ateliê é troca!

"A caminhada da identidade"

acervo pessoal

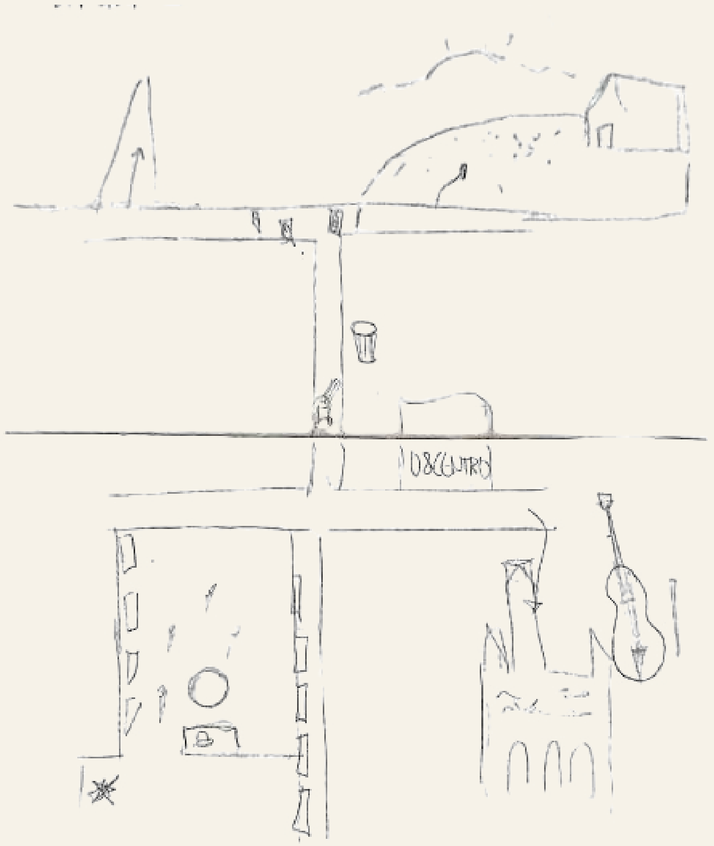
Porquê é tão difícil se soltar da busca pelo resultado?

Direito à cidade → identidade

"Estão sempre tentando nos tirar a nossa identidade..."

Sem identidade = sem "local"?

Não existe território sem identidade
Mas existem aqueles que tentam apagar a memória.



Toda memória é uma memória... Essa mesma memória identitária, territorial, cultural...?

CLAREAR & AMPLIAR SUA VISÃO

Essa leitura é completamente minha.

"Você vai pegar o fio (NÃO PEGUE TODOS OS FIOS)... (Que eu sirva de espelho"

A MEMÓRIA É VIVA PENSANDO NO AMANHÃ.

Arquitetura e urbanismo
↓
Edificações e caminhos
↓
Oxalá e Oxum
↓
leva aonde você quer ir

Manipulação corpórea é arte
↓
Arquitetura
↓
Centro

acervo pessoal